

fundamento

IV • N. 21 • AGOSTO 1951

DEFESA DA CULTURA

ESCRITORES
O IV CONGRESSO

RIVADAVIA MENDONÇA

GETULIO E
A CULTURA

J. E. FERNANDES

A BIENAL de
São Paulo

F. PEDREIRA

GEORGE BERNARD SHAW

R. PALME DUTT

DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA

JORGE AMADO

OMINAÇÃO IMPERIALISTA

Moacir Paixão

AMEAÇA A INTELIGENCIA

M. Tulmann Neto

ISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Ibiapaba Martins

TORRE DE MARFIM

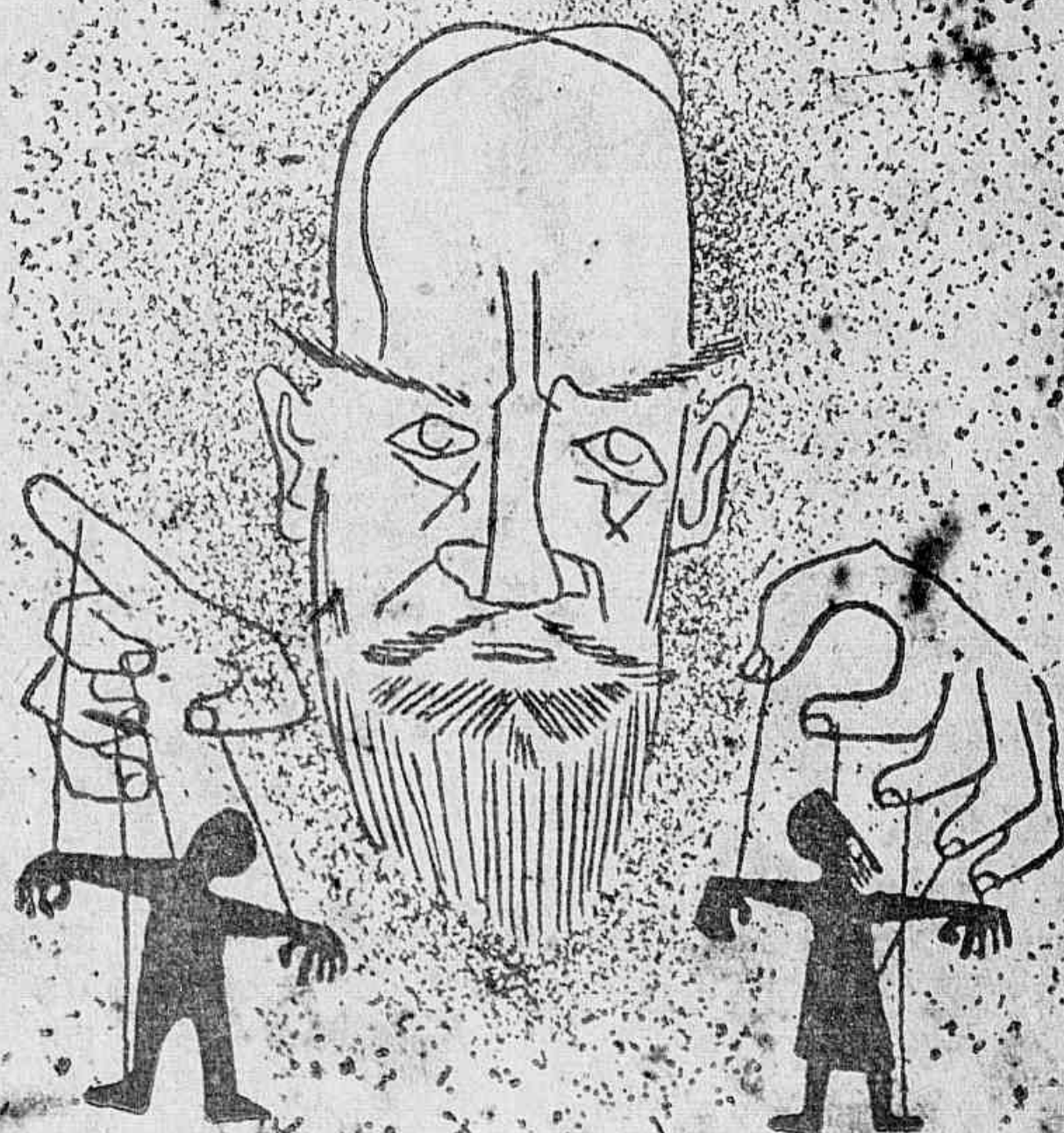
Nelo

Preço Cr\$ 4,00.

VISTA DE CULTURA MODERNA

NDADOR

ONTEIRO LOBATO



GEORGE BERNARD SHAW

INDICE

Os intelectuais e o manifesto de agosto	2
Dois documentos, duas culturas	3
Torre de Marfim	7
Democratização da Cultura	
Jorge Amado	8
Objetivos para os Congressos de Escritores	
Rivadavia Mendonça	10
George Bernard Shaw	
R. Palme Dutta	11
A Bienal, impostura cosmopolita	
F. Pedreira	14
As histórias em quadrinhos, esse veneno da juventude	
Ipiapaba Martins	15
Paz, programa do povo	16
Intelectuais paulistas manifestam-se contra o envio de tropas para a Coreia	19
Canção do Manifesto	
Ligia Mendes	20
Ameaça à inteligência brasileira	
M. Tulmann Neto	21
O realismo socialista e a criação artística	
Włodzimierz Sokowski	22
Cresce a dominação imperialista sobre a indústria brasileira	
Moacir Palção	25
Livros e Revistas	26
Cinema	27
Notas e Notícias	28
Correspondência	31

COMISSÃO DE REDAÇÃO: Afonso Schmidt, Artur Neves, Caio Prado Junior, E. Fernandes, J. Vilanova Artigas, Rivadavia Mendonça, Rui Barbosa Cardoso e Fernando Segismundo.

FUNDAMENTOS não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em trabalhos assinados. Não devolve originais.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Barão de Itapetininga, 275 — 9.º — Sala 96 — São Paulo.

DIRETOR RESPONSÁVEL: - Rui Barbosa Cardoso.

Os intelectuais e o manifesto de agosto

É cada vez maior o número de escritores, professores e artistas que, levados pelo seu patriotismo e pelo desajuste crescente de suas condições de vida e de trabalho, voltam suas vistas para os problemas gerais da política em busca de esclarecimentos e diretivas. Muitos, porém, aí não encontram mais do que a ampliação, em escala nacional, da desordem que tumultua os seus setores específicos de trabalho — um doloroso desgaste de energias e vontades. E perdem-se, frequentemente, num emaranhado de contradições, caindo presas fáceis do fatalismo e do pessimismo.

É impossível negar, hoje, a existência de um sério desajuste na vida nacional. O país atravessa uma crise profunda que atinge todos os setores e que, em nenhum deles, se apresenta com aspectos tão perturbadores como no terreno da cultura. O nosso aparelho escolar, além de insuficiente e mal equipado, serve a uma orientação irracional do ponto de vista dos métodos e objetivos. A literatura e as artes debatem-se em discussões e rivalidades superficiais que dispersam inutilmente as energias criadoras. A intelectualidade sadia e honesta do país, encontra-se ainda em boa parte dividida, aplicando o melhor de seus esforços em soluções de sentido muitas vezes meramente individual. Enquanto isto ocorre, penetram solertes as influências dissolventes: a criminoso literatura em quadrinhos que envenena a juventude, a arte cosmopolita que procura desfigurar a nossa tradição, os "bestsellers", as histórias tôrpes de crimes e devassidão, a poesia mórbida e gratuita, e toda uma enxurrada de filosofias de corrupção e de maldade.

Diante destas circunstâncias, impõe-se um exame mais detido da crise brasileira que nos permita congregiar todas as forças para a defesa de nossa cultura. É necessário empreender todos os sacrifícios, arostar todas as dificuldades para libertar o país do atraso em que vive e fazê-lo avançar no rumo do progresso. Os próprios acontecimentos nos forçam a reconhecer que — para os intelectuais — a maneira mais eficaz de defender a pátria é preservar suas tradições e riquezas culturais.

Conjuguemos nossos esforços e criemos, pela união, a força necessária à efetivação de nossos anseios de afirmação de uma cultura nacional e democrática. As forças do progresso aí estão vivas e atuantes, o povo e em especial o proletariado, moldando em suas lutas diárias os contornos do nosso futuro.

É no sentido desta união de intelectuais e cidadãos para a luta de redenção do nosso país que, ao ensejo de seu primeiro aniversário, lembramos a todos a leitura e o estudo do luminoso documento lançado em agosto do ano passado por Luís Carlos Prestes. Nele se contém as análises e as soluções que dissipam a confusão da crise atual e apontam a esplendida perspectiva de nosso futuro.

DOIS DOCUMENTOS, DUAS CULTURAS

J. E. FERNANDES

Da maneira por que vem fazendo em relação a vários outros setores da atividade social, o Sr. Getúlio Vargas pronunciou recentemente alentado discurso sobre a cultura nacional. A oração, feita a 5 do corrente na Universidade do Brasil, reveste o duplo aspecto de sùmula de pensamento sobre o assunto e plataforma cultural do governo. Estes dois aspectos se alternam ao longo de todo o discurso e se fundem, frequentemente, no elogio franco ao Estado Novo que, na opinião do Sr. Getúlio Vargas, teria sido um período de florescimento cultural em nossa terra, um coroamento literário e artístico das energias despertadas pelo movimento de 1930. A própria semana de arte de 1922, teria sido um prenúncio da grande renovação cultural que se estenderia de 1930 a nossos dias. O Sr. Getúlio Vargas apresenta-se ademais como o protetor, o mecenas oficial das artes e da literatura, o impulsionador do modernismo entre nós.

Talvez não seja por acaso que o presidente alinhe suas «teses culturais» — sofregamente aclamadas pelos adeptos de seu novo consulado — no momento em que o seu chanceler, possivelmente com a mesma caneta com que assinou em Washington protocolos alienadores de nossas riquezas e da vida de nossa juventude, apõe o seu nome desprestigiado a um convênio cultural com a Espanha franquista, instrumento por todos os títulos humilhante para a intelectualidade brasileira. Talvez não seja por acaso que o governo atribua tanta importância à Universidade onde, como ocorre em S. Paulo, não lhe é difícil encontrar reitores e conselheiros aliados naturais de uma política odiosa de discriminação ideológica. Ninguém pode deixar de notar a grande distância que vai das palavras presidenciais sobre a liberdade necessária à produção intelectual aos fatos concretos dos atentados à liberdade da cultura. O número anterior desta revista, dedicado ao cinema nacional, teve parte de sua edição apreendida pela polícia política de S. Paulo. Jornais democráticos como o «Hoje», ainda nesta capital, são continuamente impedidos de circular livremente. O último e grande livro de Jorge Amado, o «O Mundo da Paz», é ilegalmente apreendido e a seu autor é negado pelo Itamarati o passaporte a que tem direito como cidadão brasileiro. O arquiteto Oscar Niemeyer é impedido de ocupar uma cátedra à qual o elevaram seus títulos, pelo próprio órgão que o indicara, por imposição do reitor da Universidade de S. Paulo, Prof. Ernesto Leme, em nome das resoluções firmadas em Washington pelo governo. Ainda em nossa Universidade, o professor Enio Sandoval Peixoto é destituído de suas funções pelas atitudes públicas que assumiu em defesa da paz internacional. O arquiteto Gastão Rachou Jr. e o poeta Joaquim Alves foram encarcerados por três meses por haverem protestado publicamente contra a Conferência de Washington. Todos os que

observamos tais fatos somos levados à conclusão de que, também no terreno da cultura, sustenta o governo uma política bifronte: de um lado os acenos de falsas perspectivas de progresso, e de outro, a crua realidade dos fatos consumados de uma orientação retrograda e anti-nacional.

Vejamos, no entanto, mais de perto alguns dos problemas fundamentais aflorados evasivamente, ou omitidos, no discurso-plataforma. Fala o Sr. Getúlio Vargas, repetidas vezes, em renovação da cultura, em defesa da cultura, reforma do ensino, e até mesmo em revolução cultural, ocorridas depois do movimento de 1930, e por ele inspiradas ou apoiadas.

Que cultura foi essa, que irrompeu revolucionariamente no país, depois de 1930, trazida nas asas (ou sob as asas) do Sr. Getúlio Vargas que hoje se considera, não sem alguma imodéstia, como a expressão individual mais alta dessa renovação? Foi, por acaso, uma cultura nova, democrática, no interesse da maioria de nosso povo? Parece-nos que não. Parece-nos que tudo o que o movimento de 1939 fez, no terreno da cultura, foi continuar e confirmar, sob a aparência enganosa da demagogia, as velhas formas culturais dos períodos republicanos anteriores. As reformas do ensino secundário e superior, de que se vangloria agora o antigo ditador, nada mais foram do que concessões reformistas ou retrocessos clericalistas. Pareciam por um lado atender os anseios de oportunidade para estudar a juventude, mas entregavam aos colégios religiosos, que praticamente monopolizavam o ensino secundário, a inspiração dos programas. Como resultado, se viu a vitória da orientação clerical, com a predominância do latim e das chamadas humanidades sobre as ciências e, sobretudo, a orientação livresca, desligada da realidade, com todas as consequências que hoje se observam no ensino médio e superior. O analfabetismo da grande massa da população brasileira nunca foi objeto de qualquer providência prática, nem mesmo de qualquer pronunciamento responsável, por parte do fundador das Universidades brasileiras. A Cruzada Nacional de Educação só fazia obra de fachada, no Distrito Federal e capitais. Continuamos a ter mais de 30 milhões de analfabetos, a maioria das crianças sem escolas, apenas uma porcentagem infima dos jovens com possibilidade de estudos secundários. O ensino técnico e agrícola que o Sr. Getúlio Vargas pretende ter incentivado em todo o país, visou sempre, muito mais, à formação de capatazes, do que o desenvolvimento de nossa produtividade agrícola e industrial pelo emprego efetivo de técnicas inovadoras. Tais algumas das reformas cujo patrocínio Vargas reivindica e que, por fidelidade à história, lhe devem mesmo ser atribuídas. E quais os homens empregados pelo governo de então nas suas infundáveis reestruturações do ensino? Que fizeram Lourenço Filho, Gustavo Capanema, Francisco de Campos, Venancio Filho, Anísio Teixeira

e outros, se não descobrir formulas expeditas para incutir no terreno da cultura e da educação, os princípios demagógicos, reacionários e eventualmente fascistas, que o próprio Francisco de Campos, Vicente Rao, Marcondes Filho e outros pro-homens da época procuravam imprimir a outros setores da mistificação estadonovista?

Refere-se também o discurso, em diversas de suas passagens, ao surto literário e artístico que ocorreu no país depois de 1930, e que se deveria ao amparo, ao estímulo, à liberdade, concebidos pelo governo aos «grandes valores da cultura e do espírito». Não se pode negar que tenha havido um notável surto literário e artístico no Brasil, logo depois de 1930, nem que o movimento de 1930 tenha tido apóio popular. Mas, é precisamente neste ponto, que a tese presidencial está em oposição mais direta à verdade histórica. Houve um surto nas letras e nas artes, mas sua expansão começou desde logo a ser abafada por falta de liberdade e de estímulo. A política cultural efetivamente desenvolvida pelo Sr. Getúlio Vargas antes e durante o Estado Novo, foi uma política de cerceamento cada vez mais arrochado da liberdade intelectual, uma política de corrupção dos «grandes valores da cultura e do espírito». Se não bastasse o registro da história, ainda recente e lembrada por todos, aí estariam os resultados práticos para comprová-lo. Que evolução tiveram os representantes mais talentosos da renovação de 30, com o estímulo e o amparo do Sr. Getúlio Vargas? Um bom número deles, desertou rapidamente de suas posições, chamadas de vanguarda, e acomodou-se no apóio e estímulo das sinecuras oficiais. Os exemplos são inumeráveis. Citemos desde logo Cassiano Ricardo, Carlos Drummond de Andrade, e os que penetraram nas deliciosas penumbras do Itamarati. Outros tornaram-se rasgadamente palacianos, e alguns o são até hoje, como Lourival Fontes. O «estímulo» do Sr. Capanema bafejou muitos escritores e artistas, alguns de grande talento, e a não poucos conseguiu transmitir a mediocridade de sua inspiração. O amparo oficial do governo deu condições materiais para o surto de vasta bibliografia integralista que só não minou mais a nossa juventude, dada a inaniidade inerente a essas excrecências. Sem falar, é claro, na coorte de outros produtos, subprodutos, resíduos e detritos, desse famoso movimento modernista brasileiro que hoje pululam por aí, passando seu descarado oportunismo pelos corredores e salas dos ministérios, pelos departamentos culturais, embaixadas e anexos; instalados em cátedras universitárias, nas redações dos jornais, fazendo praça de seu pessimismo, exibindo, sem pudor, a estreiteza de suas mesquinhas ambições pessoais, suas inutilidades, e muitas vezes sua traição à cultura e à pátria. Tais resultados bem mostram o que foi o patrocínio de Getúlio Vargas ao modernismo e à cultura.

As afirmações de uma cultura nova existiram e se firmaram progressiva-

mente, mas em luta contra o seu governo e ferozmente perseguidas por ele. As energias criadoras da nação se agruparam durante o seu governo anterior, Aliança Nacional Libertadora. Esse o mas foi no amplo movimento popular da fato novo, e realmente revolucionário ocorrido depois de 30: o surgimento do proletariado organizado na arena política e cultural da nação. Sob a inspiração desse movimento de libertação nacional, desde então em desenvolvimento crescente, é que se agruparam progressivamente os autênticos novos valores da cultura e do espírito. Os intelectuais e artistas que, a partir dessa época, orientaram seu trabalho e seus estudos na ideologia do proletariado, é que foram as verdadeiras primeiras expressões da nova cultura brasileira. E todos os que tomaram essa orientação foram implacavelmente perseguidos pelo Sr. Getúlio Vargas. O romancista Jorge Amado foi perseguido e exilado durante o Estado Novo. Dionélio Machado, Caio Prado Jr., os jornalistas Gondin da Fonseca e Aparício Torelly foram todos encarcerados. Professores universitários como Leonidas de Resende, Castro Rebelo, Hermes Lima, Bilac Pinto e outros foram alijados de suas catedras. Monteiro Lobato, já velho e alquebrado foi lançado à prisão por haver escrito ao Sr. Getúlio Vargas uma carta de denuncia da situação do petróleo nacional. Graciliano Ramos que sempre se manifestou a favor do povo também foi para o carcere. O DIP, o ministério de Educação é toda a maquina estatal do Estado novo, eram uma unica peça inteiriça de repressão aos anseios de progresso e de saber de nosso povo. Toda sua atuação viaava afastar a juventude e o povo da realidade brasileira. Todo o sentido do movimento de 1930 que o Sr. Getúlio Vargas pretende agora enobrecer com um fundo nacionalista e revolucionário foi, na realidade, o oposto disso, até que, com o golpe fascista de 1937, se configurasse, em toda sua odiosa nitidez, o carter francamente, contra-revolucionário do movimento. Não foi outra a razão por que Luís Carlos Prestes, a maior figura revolucionária do Brasil, de se dissociou de inicio, desmascarando-lhe, previamente, o carater reacionário. O sagaz Antônio Carlos, braço direito de toda a articulação da Aliança Liberal, não havia, ele proprio, definido o sentido do movimento, com a sua famosa e cínica frase: Fazemos a revolução antes que o povo a faça? Vargas está onde sempre esteve com os latifundiários e capitalistas, a cuja classe, pertence. Mas, o Brasil progrediu politicamente, e com ele, a consciência de nossas necessidades culturais, a consciência da necessidade de nossa libertação cultural e, muito mais do que a refutação dos pontos de vista do discurso presidencial, interessa-nos examinar a realidade presente de nossa cultura, os seus problemas de desenvolvimento, as suas linhas de evolução, já que o que oferece a plataforma do governo é volta impossível a um passado amplamente superado.

A cultura predominante no Brasil, continua no presente o que foi no passado, a expressão espiritual da estreiteza da infraestrutura feudal-burguesa dominante no país. Sua insuficiência geral, o seu total desligamento de nossas

necessidades, se prendem ao seu carater de classe: a cultura oficial do Brasil é uma cultura da classe faudal-burguesa. Ela reflete em suas instituições, em suas teorias, em suas aplicações práticas, os interesses das classes dominantes. E como os interesses dos latifundiários e dos próprios capitalistas nacionais de há muito se afastaram dos interesses da nação e do povo brasileiro, as suas expressões no terreno cultural são também elas divorciadas do interesse da nação. Como tais são contrárias ao povo, hostis a ele anti-democráticas, contra-revolucionárias. Assim como no terreno econômico não lhes interessa o desenvolvimento real de nossa industria básica, que só poderia se concretizar com a liquidação do latifundio e com a criação e expansão de um grande mercado interno, no terreno da educação e da cultura, não podem elas tolerar, a expansão e a afirmação de uma cultura democratica e popular.

A continuação do alfabetismo é condição primordial para a manutenção do povo na ignorancia, a qual alimenta as credices, tolhe as possibilidades de organização politica da grande massa do nosso povo, entretém o paternalismo tradicional das relações entre senhor e servo — de que o getulismo é um exemplo generalizado. Frizante, e permite a anestesia, cada vez menos operante, do sentimento revolucionário das massas.

Silvio Romero já havia assinalado, com grande pertinência para o seu tempo, a existência de uma cultura cultura, de fundo popular, ligada aos interesses e às lutas do povo. Essa corrente popular, tradicional e nossa literatura, é o que mais valioso existe em nossa cultura. Esta é uma cultura das classes oprimidas e do povo, reprimida nas escolas, escondida da juventude, espezinhada pela distorção constante dos inimigos do povo, perseguida e injuriada. No entanto, nas condições atuais do desenvolvimento histórico do país, esta é a cultura nacional brasileira, em pujante e irreversível expansão. É a cultura de classe operária e do povo popular e socialista. A burguesia brasileira, incoerente e incapaz de se afirmar nacionalmente, é obrigada, para subsistir, a contrariar os interesses nacionais ligando-se e associando-se ao imperialismo em sua politica de guerra e espoliação do país. Analogamente no campo da cultura, as classes dominantes se valem do cosmopolismo para desfigurar e desnacionalizar as formas nacionais da cultura brasileira. Procuram manter o analfabetismo erigir uma fachada de cultura, com centro na Universidade onde, á maneira dos ministérios militares e econômicos, instalam-se os agentes especializados da colonização ideológica. Chegam a chamar tudo isso de alta cultura, na ausencia manifesta de qualquer senso de proporções. As próprias Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, que parecem representar para Vargas, e de um modo geral para os grandes sábios oficiais, o ápice de nosso sistema universitário, foram desde o seu inicio, jovens instituições de feição preconcecente vetusta, cheias de anacronismos medievais, cuja produção, apesar de excepções brilhantes, nunca foi muito mais do que a enfadonha repetição de estudos alienigenas, e cuja

orientação, é no seu conjunto, mais reacionária e anti democratica do que progressista. Delas são banidas, com zelo inquisitorial, as doutrinas de vanguarda. Vejam-se, por exemplo, as teorias de Lissenko na biologia. O marxismo, quando não é escondido da natural curiosidade dos jovens, é apresentado com as distorções mais grosseiras imagináveis. Aliás, os cursos de sociologia, aos quais se dá grande enfase, versam, em geral, num ecletismo desorientador, as variantes mais desencontrada do idealismo filosófico, quando não descambam diretamente para as cabulosas escolas empiricas norte-americanas. Os programas de história, quando não são meras justificativas para a pregação integralista de um Helio Viana, não passam de aridas especulações sobre datas e autenticidades de alfarrabios. Existem, como se assinalou, excepções, principalmente nos cursos de ciências, mas tais excepções não bastam para equilibrar as resultantes da orientação geral da maioria dos cursos e programas que de propaganda dissolvente da cultura nacional. As assim chamadas manifesta-aprofundados criticamente são veiculos ções extra-murais dessa alta cultura universitária em nada diferem dela, ao contrario representam o refôrço e a difusão das mesmas orientação e intenções. Tome-se, por exemplo, a obra critica de um Tristão de Ataíde (pseudonimo conhecido do industrial Alceu de Amoro Lima) figura de proa do leicato catolico brasileiro. Toda a enfase de apologética cristã, revestida do esquerdismo humanista de Maritain, é no fundo politica crerical. O conhecido poligrafo é, aliás, também professor universitário de literatura, e exerce no momento alta comissão hemisferica ocidental, dirigindo as relações culturais da União Pan-americana, anexo do Departamento de Estado, em Washington.

Aí está também o exemplo do Sr. Gilberto Freire, cuja sociologia impostora recebe o sinete da nova critica, no próprio momento em que, aderindo ao Sr. Getúlio Vargas, se enquadra na politica cultural do governo e parte para Portugal e colonias, onde exporá as suas teorias pulverizadas pelo estudo modelar de Ghioldi, no n.º 11 da revista *Para Todos*.

Que dizer de outras manifestações da «cultura e do espirito» brasileiros, como os escritos de Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Alvaro Lins, apolíticos na aparência, mas sempre com direção certa, com compromissos e ódios definidos, participantes no sentido do diversionismo e do alheamento, tão necessários à infiltração cosmopolita? Que dizer de intelectuais como Augusto Frederico Schmidt, e o próprio Sr. João Neves da Fontoura, presidente de companhias estrangeiras e ministro do Exterior, e como o Sr. Getúlio Vargas, membro da Academia Brasileira de Letras, para cuja companhia acaba de ascender o escritor Austregésilo de Ataíde, do grupo de cangaço intelectual de Chateaubriand.

No plano das artes não é menos evidente o entrelaçamento dos interesses da cultura brasileira oficial com os interesses das classes dominantes. Os grandes patronos das artes são os grandes industriais e latifundiários associados dos americanos. Ao tempo em que as



Libertação Nacional — Desenho de Renina

quotas de fornecimentos e preços preferenciais das matérias primas, as participações em empresas de petróleo pseudo-nacionais a capitalização de bancos, de cidem os Nelson Rockfellers, com os Larragoiti, Lunardelli e Matarazzo, quais as mesmas estéticas que mais convêm à cultura nacional brasileira. O realismo, não, desde logo, pois a situação de miséria amargurante de nosso povo é temática pobre para os que não se iniciaram ainda nos verdadeiros problemas da «abstração» artística. A Bienal de S. Paulo não tem outro sentido estético senão o de demonstrar a tese da inexistência de uma arte nacional. Existe, apenas uma super-arte internacional, cuja importância e cujo peso servirão para demonstrar aos nossos modestos artistas a sua insignificância e a necessidade de aceitarem os padrões cosmopolistas para seu trabalho e seu aprendizado. Por uma extensão fácil dessa tese se chegaria a

uma outra, mais ampla, demonstrando a inexistência de uma nação brasileira, habitada por um povo que fala uma mesma língua, que habita um território próprio e que tem laços comuns de feitiço psicológico. É para isso que tendem os ideólogos do cosmopolitismo. Todo o rebutanho fascista, que se agregou às máquinas da cultura oficial, nos jornais do Rio e São Paulo, os Bardi, os Carta, os Baciú, serviriam muito mais à cultura nacional do que os patriotas tacanhas que lhe defendem a fisionomia própria. Bem por isso, as artes oficiais, divorciadas do público e desprezadas por ele como estranha aos seus sentimentos, refugiam-se prostituídas nos salões ministeriais e nos palácios suntuosos, onde se encontram os compradores das peças de arte e da liberdade dos artistas.

Um bom número dos livros de ficção que se publicam entre nós trazem a

marca do cosmopolitismo na imitação servil à técnica literária do best-seller americano, popularizados quase que à força por editores ligadas até por laços financeiros aos serviços culturais americanos. Até escritores como José Lins do Rego, hoje amoldam seus livros a esse estilo.

Os suplementos dominicais dos jornais chegam a revoltar sob o aspecto do cosmopolitismo que procuram veicular. Não só boa parte dos artigos e ensaios são estrangeiros e estranhos aos nossos problemas, como numerosos escritores nacionais, conscientes ou inconscientes envolvidos na linha dominante do cosmopolitismo, versam temas alheios à nossa realidade e aos nossos interesses nacionais.

A nossa juventude é envenenada diariamente pelos suplementos e revistas de histórias de quadrinhos. Tome-se qualquer dessas historietas, aparentemente inocentes e fantasiosas, e veja-se o que contem de distorsivo da inteligência e do caráter de nossa juventude. Tal literatura de procedência predominantemente americana prega a violência, a guerra, desregramento físico e moral da juventude. É um dos crimes mais monstruosos contra a cultura brasileira, e, ao contrário do que ocorre na França onde é censurada pelo governo, aqui só não é oficialmente financiada.

Tudo que se disse sobre a literatura e as artes, aplica-se com redobrada importância ao cinema e ao rádio que são veículos culturais de muito maior difusão. A própria televisão surge entre nós como nova e poderosa arma dos inimigos da cultura brasileira. Porque estaria Chateaubriand na dianteira de sua montagem em todo o país? Como se poderia verificar facilmente com o exame atento de qualquer dos setores da cultura vigente no Brasil atualmente, as suas características, decorrentes de nossa situação econômico-social, são estranhas e contrárias aos interesses da maioria de nosso povo. Tal constatação poderia levar ao pessimismo, do qual não escapam muitos dos que analisam o problema sob pontos de vistas particulares da educação ou de cultura genericamente. O problema é pontico, eminentemente político, mas não no sentido que quer o Sr. Getúlio Vargas em seu discurso quando fustiga o apoliticismo dos intelectuais e convida-os a colaborar com ele na defesa do que aí está: o problema é político no sentido de não se permitir a continuação desse estado de coisas, de modificá-lo rapidamente, no sentido do interesse a nação e da maioria do povo. Temos que defender a nossa cultura e desenvolver desde já os elementos positivos que existem presentemente. Já se assinalou neste artigo o muito que há de honesto e útil em nossas organizações culturais e educacionais. Eis aí um primeiro ponto de apoio para uma autêntica renovação da cultura nacional. Os institutos científicos do país, em sua maior parte, desenhados, o Butantã, o Instituto Agrônomo de Campinas, o Biológico, a Escola Luís de Queiroz de Piracicaba, são centros científicos de elevado nível de produção. E são precisamente instituições desse gênero as que lutam

com as maiores dificuldades orgânicas, pois que as verbas culturais são mentos. Um apóio financeiro decidido estupidamente desperdiçadas nas represas estudos científicos e técnicos, com de caráter prático, que interessem imediatamente aos problemas da produção, são imposições da hora presente e devem ser exigidos pelos cientistas de todo o país. E não será o Conselho Nacional de Pesquisas, burocraticamente instalado sob a direção do Sr. João Alberto e do Almirante Alvaro Alberto da Mota e Silva (antigo representante brasileiro na Comissão de rio das nossas riquezas minerais) que irá promover a integração da pesquisa em nosso país. Seria necessário um debate amplo do assunto com audiência de todas as camadas da população, que a todos interessa o assunto. Em nossas universidades há um grande número de departamentos que trabalham e produzem; é cada vez mais urgente um movimento de opinião de todos os intelectuais no sentido de apoiar o trabalho construtivo que neles se faz. Mas é necessário, antes de mais nada, assegurar a liberdade de cátedra e de pensamento, que nada mais são do que um aspecto particular das liberdades públicas, todas ameaçadas pela política de preparação de guerra em que se empenham os países capitalistas sob o comando dos Estados Unidos, com os reflexos conhecido em nossa política.

Certos problemas materiais, de fundo econômico, de nossa cultura, estão a exigir soluções imediatas. Entre eles avulta o do papel, cuja escassez artificial eleva os preços, encarecendo as publicações e limitando consideravelmente a expansão do trabalho de revistas, jornais e editoras. O rompimento de contratos comerciais unilaterais com os monopólios americano-canadenses do papel, poderiam levar-nos rapidamente ao relaxamento dessa situação asfixiante, tanto mais que países como a Checoslováquia estão dispostos a negociar conosco em condições de reciprocidade comercial muito vantajosas. Além disso o problema reveste um caráter de suma importância política, pois é sabido que o encarecimento do papel se prende também ao emprego da celulose como uma das matérias primas fundamentais nas indústrias de guerra. Neste, como em outros de seus aspectos, a defesa da cultura é a defesa da paz.

A questão dos livros técnicos estrangeiros a qual se refere o discurso presidencial é meramente um aspecto particular de todo o nosso problema de importações e do desperdício de nossas cambiais, empregadas nos duplamente criminosos pagamentos de armas e munições de guerra, que desfalcam o país de recursos para importações úteis e criam reservas materiais para a efetivação da política de guerra para a qual querem nos arrastar os americanos. Também o Instituto Nacional do Livro poderia desempenhar um papel ativo na defesa do livro nacional, impedindo a importação de obras de luxo, de livros inúteis ou prejudiciais, que agora são exportados para o Brasil até às toneladas, como ocorreu com um carregamento de 10 mil quilos de livros embarcados em Nova Iorque em princípios deste ano, se não fosse apenas uma agência

compradora de edições que interessam à política governamental.

Muitas iniciativas culturais com programas de divulgação da cultura podem e devem receber o apoio de todos, contanto que assumam dinamicamente os encargos e responsabilidades expressos formalmente em seus programas. É o caso dos programas de departamentos culturais, como os das grandes prefeituras que encerram elementos positivos de educação popular. Seria necessário exigir que tais elementos predominassem e não fossem afogados pelos programas deseducativos. Os espetáculos de música e teatro da Prefeitura de São Paulo, obtêm acolhida simpática de nosso povo. Porque não exigimos que se estendam, democraticamente, os benefícios de tais oportunidades às amplas camadas do povo? Defendendo as nossas fontes e cultura e os direitos das amplas camadas do povo em usufruí-las, estaremos servindo ao progresso até mesmo material de nossa vida, já que à cultura, no sentido mais amplo, pertencem todas as conquistas do engenho humano, inclusive as técnicas de produção material que se elevam e aperfeiçoam ao influxo da cultura espiritual.

O grande talento criador do povo brasileiro é evidenciado pela sua inventividade nas diversas formas de manifestação artística. Somente os esnobes mais áridos poderão negar a riqueza dos nossos tesouros folclóricos. No entanto, somente os observadores mais superficiais ou mal intencionados negarão os perigos que correm essas formas exuberantes de nossa cultura nacional, com a padronização que sofre a música popular, em arranjos e execuções instrumentais, que violentam seus ritmos e melodias próprios. As artes populares, tão ricas em algumas regiões do país, são objeto apenas de um comércio imediato de intermediários que alimentam as coleções particulares de alguns estudiosos e muitos esnobes. Peças importantes são coletadas e enviadas, sem qualquer arrolamento para o exterior. Ainda não existe qualquer sistematização no arrolamento e preservação de todo o rico cabedal folclórico da nação. Temos todos o direito de exigir do Congresso Nacional do Folclore que vai se reunir dentro de alguns dias, que assente medidas práticas e exigências concretas dos poderes públicos e das instituições culturais, no sentido da defesa ativa de nosso patrimônio folclórico e na vigilância intransigente com relação às mutilações do caráter nacional das artes e costumes populares.

O cinema nacional deve merecer a melhor da atenção de todos os interessados no desenvolvimento e na independência de nossa cultura, pois a arte cinematográfica é que mais se difunde no Brasil, atingindo mesmo aos analfabetos. Não acreditamos que o atual governo, dentro de sua atual política possa contribuir para o desenvolvimento deste setor fundamental de nossa cultura. O Instituto Nacional do cinema que há seis meses serve de motivo para sua propaganda, só é uma fachada pomposa para a exploração demagógica do prestígio e a boa fé de homens como Alberto Cavalcanti, Vinicius de Moraes e outros. O cinema, além de uma grande arte, é uma grande indústria e, como tal, está mais jungido do que ou-

tras manifestações da cultura aos interesses do imperialismo. A proteção cultural e econômica ao cinema nacional, está condicionada à liquidação dos monopólios de distribuição e exibição, que um governo com base no latifúndio e na colaboração com o imperialismo, não pode realizar.

E assim por diante, em todos os setores da cultura surgem problemas imediatos de defesa de um patrimônio riquíssimo que não pode e não deve perecer, e problemas de formular com clareza e coragem, diretivas de trabalho para o desenvolvimento ulterior da cultura nacional brasileira. A dominá-los sempre, estão as questões básicas de nossa estrutura social caduca e incapaz e a necessidade de sua substituição por formas novas, amplas, progressistas e revolucionárias. É claro que a concretização desses ideais patrióticos não se pode fazer unilateralmente, no terreno da cultura, e seria utópico colocar o problema de uma nova cultura brasileira sob este aspecto exclusivo. Tal desenvolvimento tem que ser concebido e realizado no conjunto de um programa nacional que integre diretivas unitárias, harmonicas e necessárias, linhas mestras da verdadeira revolução brasileira. Tal programa, em nove pontos fundamentais, é o Manifesto de Agosto de 1950, de Luis Carlos Prestes, cuja leitura atenta e cujo estudo consciencioso, afigura-se, cada vez mais, uma obrigação para todos os estudiosos de nossos problemas, e um dever de todo patriota. As formulações de Prestes, que além de ser o maior líder político surgido no Brasil é também a mais alta organização intelectual que tivemos até hoje, precisam-se cada vez mais à medida que rigorosamente confirmadas pela evolução da situação nacional, e à medida que, ganhando o conhecimento e a aceitação de camadas cada vez mais amplas do povo, transformam-se em forças vivas de nosso futuro. Nenhum exercício de inteligência crítica é mais elevado para um intelectual brasileiro, no momento em que se comemora o primeiro aniversário do Manifesto de Agosto e em que es assinala o discurso-plataforma do governo no terreno cultural, do que o cotejo entre os dois documentos. A amplitude e necessidade histórica de um, e seu confiante giro de horizonte em direção ao futuro do Brasil, contrasta com a estreiteza, o particularismo e o sentido impossível de volta ao passado do outro. Na profundidade e superficialidade respectivas, se espelham as classes que os inspiram.

Não têm os intelectuais, como não tem o povo brasileiro, quaisquer razões de pessimismo. O nosso futuro é amplo e certo. Resta que aceitemos as responsabilidades de regá-lo com a energia que nunca faltou a nossos antepassados. Existirá, como querem Prestes e o povo, uma grande nação brasileira, democrática e popular. Então, como previa o grande Bilac «aos beijos do sol sobrarão as colheitas aos beijos do amor crescerão as famílias». Então, como sonhava o grande Castro Alves — «livros, livros às mancheias...» — existirá uma cultura nacional brasileira, popular, democrática e socialista. Preservemos puras as sementes dessa cultura, plante-mo-las já, e esperemos confiantes a floração futura.

TORRE DE MARFIM

POR NELO



DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA

Páginas de "O MUNDO DA PAZ" de JORGE AMADO

Mao Tsé-Tung falando, em 1942, aos escritores chineses sobre os problemas da nova literatura nascida com a revolução libertadora chamava a atenção para a importância da "extensão da cultura" a toda a massa trabalhadora das cidades e dos campos. Esse trabalho de democratizar a cultura, de libertá-la das fronteiras de uma classe exploradora para estendê-la a todo o povo, foi realizado com absoluto sucesso na URSS, nesses 32 anos de poder soviético.

Que importância teria uma literatura de grande qualidade artística, uma arte dramática sem rival no mundo, um "ballet" e uma música de primeira ordem, se todo esse tesouro ficasse reservado a uma pequena parcela da população, se ele não fosse pôsto a serviço de todo o povo? Só a classe operária no poder pode levar a cultura às grandes massas, porque só ela não tem interesse em utilizar a cultura e os criadores de cultura para fins mesquinhos. Ela pode não só entregar os bens da cultura aos trabalhadores das fábricas e dos campos, como só ela possibilita aos grandes criadores de cultura — os escritores, os sábios, os artistas — do passado e do presente, um público realmente universal. Só na URSS — e agora nos países de democracia popular — os grandes clássicos de todo o mundo, Shakespeare, Balzac, Goethe, Voltaire, são leitura de operários e camponeses, estão ao alcance do povo. Só o proletariado no poder faz conhecidos universalmente os grandes escritores de pequenas nações ou de nações economicamente fracas que, devido a isso, não atingem uma repercussão universal sob o regime capitalista. A riqueza de títulos das edições soviéticas de autores estrangeiros é imensa, sem falar sequer nos autores soviéticos de nações ontem oprimidas sob o tzarismo.

Extensão, democratização da cultura... Mas como se processa ela na prática; como pode o viajante se dar conta desse fenômeno magnífico? Falarei antes de tudo dos jornais das fábricas, jornais impressos e jornais murais existentes em todos os locais onde, para trabalhar ou para divertir-se, se reúnem homens soviéticos.

O cidadão soviético que toma conhecimento dos acontecimentos importantes do país e do mundo através dos grandes jornais, segue atentamente nos jornais de fábricas a evolução do ambiente mais direta e imediatamente ligado a ele. Nesses jornais os trabalhadores trocam suas experiências, dão conta das iniciativas para melhorar a qualidade e facilitar o trabalho, criticam (com essa admirável liberdade de crítica que é a base da imprensa soviética de qualquer setor) o que lhes parece errado, falam de livros aparecidos, sugerem a organização de grupos teatrais ou de corais, exercitam uma ampla atividade cultural e social. Nesses jornais, operários com vocação literária ou artística publicam seus primeiros trabalhos, início muitas vezes da carreira de um escritor ou de um

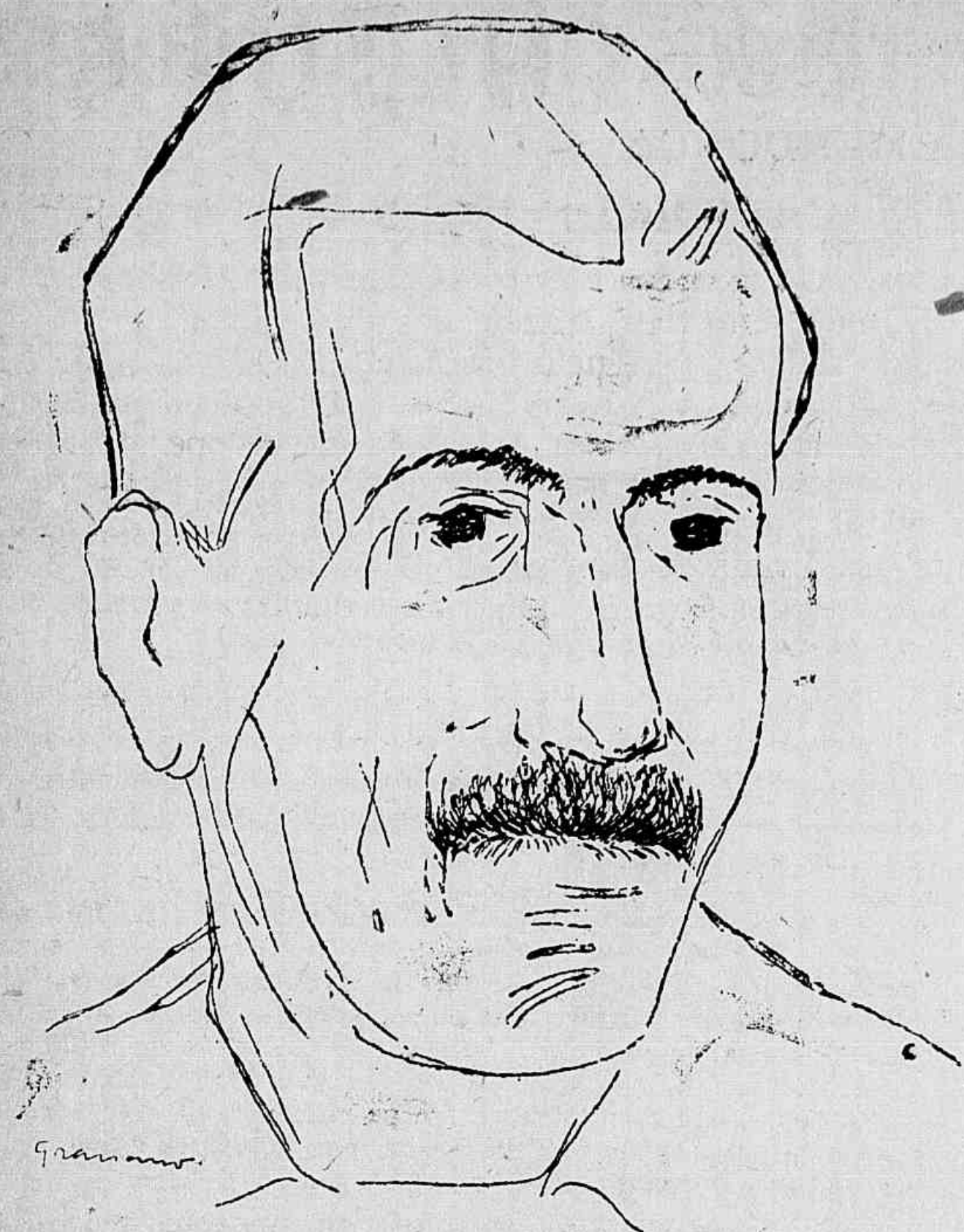
pintor. Os grandes escritores também colaboram neles, dão sugestões, trazem aos operários o fruto da sua maior experiência literária. Os sábios ilustres não se sentem humilhados em escrever para esses jornais de fábricas, interessando os operários nos problemas científicos, ajudando-os a resolver problemas de fábricas ligados à ciência. Essa imensa rede de jornais de fábricas de kolkozos, de sovkozos, é uma das formas de estender a cultura a todo o povo. Em geral ao jornal se liga em seguida uma organização formada pelos operários com maior tendência literária e artística e muitos dos colaboradores desses jornais não tardam a colaborar na grande imprensa, vários dos membros dessas associações literárias de fábricas e kolkozos vêm cursar o Instituto de Literatura que funciona ao lado da União de Escritores.

Fundado por Gorki, depois da Revolução, com o fim de auxiliar e completar a educação literária de escritores surgidos da classe operária durante a guerra civil, do Instituto de Literatura já saíram escritores de nomeada internacional como Konstantin Simonov, cujo poema "Espera-me" foi lido com emoção por muitos milhões de homens durante a última guerra.

O Instituto de Literatura é uma escola superior única em todo o mundo. Nele vêm estudar os jovens que desejam seguir a profissão de escritor, os operários e camponeses que começam a escrever nas suas fábricas e nos seus kolkozos. Certamente pode-me ser colocada a mesma questão que eu coloquei aos escritores dirigentes da União de Escritores Soviéticos, em Moscou:

— Mas um escritor não se fabrica numa Universidade. Ou bem se nasceu escritor ou bem não se virá jamais a ser um bom escritor...

— É verdade... — respondeu-me Tikhonov, o glorioso poeta soviético. — E ninguém sabia melhor disso que Gorki, mas também ninguém melhor que ele sabia das dificuldades encontradas por um escritor saído do povo para completar sua cultura geral e especializada. O Instituto não se propõe a fabricar escritores. Ele se propõe a facilitar, àqueles jovens que possuem vocação literária ou àqueles trabalhadores que revelaram tal vocação, o conhecimento da literatura, a cultura necessária a um escritor. Não vão por acaso os pintores às Escolas de Belas-Artes? No entanto nenhuma Escola de Belas-Artes pode tão pouco fabricar um pintor, também se nasce pintor. Do nosso Instituto já saíram vários escritores hoje populares na URSS, alguns no mundo inteiro. O que não quer dizer que todos os que estudam no Instituto venham a ser grandes ou bons escritores. Mas — aqueles que não nasceram escritores, mesmo eles nada perdem em estudar no Instituto. Aqui aprendem tudo que se refere à literatura, especializam-se no conhecimento da literatura russa, das literaturas de outras nacionalidades soviéticas e estrangeiras. Vão ser ótimos funcionários especiali-



JORGE AMADO

Desenho de Clovis Graciano

zados nas editoras, nas bibliotecas, nas escolas. São técnicos em literatura.

Por todo o país, na capital e nas cidades pequenas, no campo e nas aldeias, se elevam os clubes de cultura, os palácios da cultura. Visitei vários deles, durante minha estada na URSS. Vi o clube de cultura da Fábrica Stálin, em Moscou, vi clubes de cultura em Leningrado, em Tbilice, num kolkoz de Gori, em Kiew. Cada fábrica e cada kolkoz possui o seu clube, maior ou menor, conforme as suas possibilidades mas com o mesmo objetivo: levar a cultura aos trabalhadores. Nesses clubes, onde encontrareis sempre um cinema, uma sala para espetáculos teatrais, um círculo de amadores de música e de canto, uma biblioteca, um jornal mural, além das salas para baile, do bar, das salas e campos de esporte, se processa uma intensa vida cultural. A esses clubes vêm colaborar com os operários e camponeses, os escritores, os cientistas, os compositores, os maestros, os diretores de grandes teatros. As companhias teatrais mais afamadas — como a do Teatro de Arte, de Moscou — vêm representar nos palcos dos clubes de cultura, e deles saem também muitas vezes, para os grandes teatros, companhias inteiras, como, por exemplo, a companhia de cantos e dansas populares nascida no Clube de Cultura dos Ferroviários, formada pelos amadores operários e técnicos dos caminhos de ferro, hoje aplaudida em todos os palcos dos teatros das repúblicas soviéticas.

A primeira vez que estive no Clube de Cultura da fábrica de automóveis Stálin — suntuoso palácio de cimento armado, com seus dois cinemas,

suas inúmeras salas, sua grande biblioteca, seus magníficos campos de esporte — o Museu Maïakovsky realizava ali uma exposição sobre a vida e a obra do mais amado dos poetas soviéticos. Um grande material tinha sido transportado do Museu para a grande sala central do Clube e ela estava cheia de operários que vinham estudar e admirar ali a atividade patriótica e revolucionária do poeta que escreveu: "Nós vivemos a nova existência futura".

Na noite de Ano Bom voltei ao Clube da Fábrica Stálin, com os operários passei a noite de ano de 1949. Dansavam os trabalhadores nos grandes salões, comiam e bebiam no bar e no restaurante, documentários cinematográficos eram projetados continuamente no cinema. E numa sala, operários cantavam, declamavam, bailavam, para uma assistência entusiástica.

Além dos clubes de cultura, ligados a uma fábrica ou a um kolkoz, encontrareis os Parques de Cultura e Repouso, em todas as cidades. Em Moscou existe o Parque Central de Cultura e Repouso Máximo Gorki. É um imenso parque, quase no centro da capital. As melhores companhias teatrais vêm representar nos palcos ali existentes. Um só dos teatros ao ar livre do Parque — o Teatro das Árvores — comporta quinze mil espectadores. Antes da Revolução, esses terrenos pertenciam a um proprietário qualquer que esperava que eles se valorizassem para aqui construir ou para vendê-los. Hoje neles se elevam teatros e campos de esporte, piscinas e salões de dança. Exposições são organizadas nos múltiplos pavilhões. Stakanovistas, heróis da União Soviética, escritores e cientistas célebres vêm ao Parque fazer conferências, discutir e entrevistar-se com os cidadãos que, aos milhares, diariamente passeiam nas ildeias sob a sombra das árvores ou às margens do rio Moscou, junto ao qual está o Parque. Campeões de torneios internacionais de xadrez vêm assistir às partidas dos amadores. Bibliotecas ambulantes põem seus livros à disposição dos frequentadores do Parque.

Toda uma parte desse Parque Gorki é dedicada às crianças. É a Cidade Infantil com sua biblioteca própria, seu teatro, sua seção para os "meninos que amam a botânica e as plantas", terrenos de esportes, orquestra, atrações de todo gênero. Não é necessário dizer que tudo isso é gratuito, que não se paga nem para frequentar o Parque nem os seus teatros, suas conferências. Ao contrário, o Estado mantém, na parte infantil do Parque, um numeroso corpo de pedagogos encarregado de zelar pelas crianças.

Grande parte dos conferencistas enviados ao Parque de Cultura Gorki, aos demais parques e clubes de cultura do país, pertencem à Sociedade de Conferências para a Difusão das Ciências e das Artes, organização cuja tarefa é ajudar a difusão da cultura, em todos os seus ramos, entre a população do país. A sociedade pertencem todos os cientistas, educadores, estadistas, escritores, técnicos, engenheiros, pintores, etc. Ela envia seus conferencistas a todos os recantos do país. Seu presidente é o sábio Vavilov, presidente da Academia de Ciências da URSS.

Por todo o país existem Centros de Conferên-

Objetivos para os congressos de escritores

RIVADAVIA MENDONÇA

Os escritores estão empenhados em grandes preparativos para a realização dentro de poucos dias do III Congresso Paulista, na capital de São Paulo, o IV Congresso Brasileiro, na capital do Rio Grande do Sul, ambos sob o patrocínio e convocação da Associação Brasileira de Escritores. Dezenas de nossos melhores intelectuais desenvolvem intensa atividade em todas as principais cidades do país, visando levar os dois certames a uma vitória expressiva em face do importante problema que tanto preocupa neste momento o povo em geral e os homens da literatura e das artes.

Os dois congressos de escritores vão ser realizados numa ocasião em que se revela bastante grave a situação geral no mundo e, em particular, no nosso país, devido à tensão crescente produzida pela preparação de guerra. Nosso povo assiste alarmado ao encaminhamento da política oficial brasileira para o apoio total e incondicional dessa preparação guerreira e milhares de patriotas das mais diversas condições, saídos de todas as camadas da população, tomam posição decidida de luta contra essa política desastrosa que vem trazendo a miséria, a ignorância e a opressão para a maioria dos brasileiros.

Essa marcha do país para a participação ativa nos planos guerreiros do imperialismo, vem atingindo o campo cultural brasileiro de maneira impressionante. Alguns exemplos são bastante para comprovar essa verdade: 10 bilhões de cruzeiros são canalizados do orçamento nacional do corrente ano para as forças armadas, afim de realizar a compra de aviões, navios e tanques de guerra e a formação de novos contingentes destinados a participar de operações agressivas no exterior. Trata-se de uma verba enorme que representa grande parte do esforço de trabalho do povo brasileiro e que poderia ser aplicada em atividades pacíficas, para melhorar as condições de vida e de cultura da população. Por outro lado, ainda dentro da mesma política de guerra, é firmado pelo governo um acordo «cultural» com a Espanha franquista, com cláusulas deprimentes para o Brasil, devido aos compromissos com os opressores dos espanhóis a respeito da propaganda do seu regime. E também a livre penetração de uma enxurrada de baixa literatura e falsas obras de arte, de pernicioso material de leitura para a infância e cinema brutal e degenerado, que nos impõe o imperialismo norte-americano. E' a aplicação das resoluções de Washington, que na prática, se traduz em retirar os jovens das escolas e do trabalho pacífico para a formação de contingentes de guerra, em suprimir a liberdade constitucional a pretexto de combater a oposição dos patriotas, em apreender livros, como o de Jorge Amado no Rio e o de Wilson de Carvalho em Taubaté, em fazer a discriminação ideológica na Universidade e com isto impedir a entrada de Oscar Niemeyer e demitir Enio Sandoval Peixoto de suas cátedras. E assim muitos outros exemplos.

cias, ligadas à Sociedade. As doutrinas de Mitchurin, de Lyssenko; as idéias estéticas de Gorki, os princípios teóricos do marxismo-leninismo, os conhecimentos mais diversos sobre países e povos estrangeiros, eis alguns dos pontos do imenso temário das conferências. Para fazerdes uma idéia da diversidade e variedade de temas levados ao conhecimento das grandes massas, através das conferências que se repetem nos clubes de fábrica, nos parques de cultura, nos clubes de kolkozos, nas escolas, cito os seguintes títulos: "O aspecto moral do homem soviético", "Mitchurin e os sucessos da agrobiologia soviética", "A URSS em luta pela unidade da Alemanha", "Puchkin, pai da língua literária russa", "Os sindicatos soviéticos à frente da luta pela unidade do movimento operário internacional", "Sobre a transformação do trabalho agrícola numa variedade do trabalho industrial", "A situação do proletariado nos Estados Unidos", "O

O balanço destes seis meses de governo do Sr. Getúlio Vargas mostra que o Brasil sofre mais fome e mais opressão. Os escritores sentem ao mesmo tempo maior dificuldade para estudar, pesquisar e divulgar os seus trabalhos literários. A celulose aqui fabricada passa a ser aplicada exclusivamente na indústria de guerra, eliminando com isto a produção de papel para livros e jornais. O truste americano de papel estende as suas garras sobre as fábricas escandinavas que ainda se mantinham independentes em relação ao monopólio dos senhores da guerra, e com isto somos forçados a comprar menos papel, por preço muito maior e com ameaça constante de supressão do fornecimento. Enquanto isto o governo, obediente a essa política de guerra, se nega a permitir a compra de papel abundante e barato na Tchecoslováquia.

E' esta a razão por que os escritores brasileiros sentem a gravidade da situação nacional, que está a exigir a supressão dessa política de guerra, como único meio de possibilitar a liberdade e o florescimento da criação e da divulgação literária e artística, no país.

A virada nessa política de guerra para uma política de paz é o objetivo mais conseqüente na luta dos nossos escritores, porque num clima de paz a prosperidade material e cultura do nosso povo será realidade vigorosa. Mas não se atinge a paz senão por meio de um esforço coletivo de milhões, objetivando uma ação ampla e comum sem preconceitos e é o Apelo por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências o grande instrumento que deve estar nas mãos dos escritores, para o seu esforço da paz.

Cada escritor que sente a necessidade de produzir para o nosso povo e preservar as fontes e as tradições nacionais de nossa cultura se torna naturalmente um militante da paz e da luta pela independência nacional, como caminho único e certo para resolver os problemas fundamentais da própria coletividade intelectual.

São estes problemas que exigem a formação de uma ampla frente única de todos os escritores brasileiros, das capitais e das cidades do interior, de velhos e renomados profissionais e de jovens estreantes e aspirantes à produção literária, para a tomada de medidas concretas destinadas à proteção e à ajuda a todos aqueles que procuram contribuir para a difusão cultural entre o povo brasileiro.

Dentro desse roteiro, os congressos estadual e nacional, programados para os próximos dias de setembro, revelarão um alto conteúdo de verdadeira defesa da nossa cultura e de tomada de posição para a defesa dos interesses dos escritores brasileiros, na sua grande tarefa de dar ao nosso povo abundantes e valiosas obras literárias.

sistema pedagógico de Makarenko", "A Espanha franquista e os planos de expansão dos Estados Unidos", "A arte do Pequeno Teatro de Moscou", "A aviação e seus precursores russos", etc., etc. Milhões de cidadãos escutam essas conferências, adquirem novos conhecimentos. A Sociedade para Difusão dos Conhecimentos Científicos não se contenta como já vos disse, em reunir conferencistas e esperar que o público os venha escutar. Não, ela envia seus conferencistas a todas as organizações, a todos os locais. Basta dizer que somente num distrito dos arredores de Moscou, em Ramenskoie, existem mais de cinquenta Centros de Conferências, ligados à Sociedade, formados somente por camponeses.

A cultura aqui foi realmente colocada a serviço do povo. A Revolução, ao liquidar a exploração do homem pelo homem, criou as bases para a completa democratização da cultura. O analfa-

fundamentos

GEORGE BERNARD SHAW

R. PALME DUTT

Diretor da revista LABOUR MONTHLY de Londres

«Se o mundo continuar no velho caminho, terei de deixá-lo entristecido». Bernard Shaw disse estas palavras em 1931, na União Soviética, ao saudar com alegria a vitória do socialismo na Rússia, predizer sua vitória no resto do mundo, e proclamar, que «o futuro está com Lenin e Stalin». O velho andarilho, aos 75 anos de idade, ainda esperava ansioso a vitória mundial do socialismo, e sentia profunda mágoa de não viver o bastante para vê-la com seus próprios olhos. A reviravolta que Shaw desejava para a Inglaterra e o mundo ocidental não teve lugar nos dezenove anos de vida que lhe restaram. Muitos transes cruéis ainda deveriam ser vencidos, e terão de ser vencidos pelo mundo. No entanto nesses 19 anos ocorreram fatos em numero suficiente para demonstrar com clareza as tendências do futuro — um terço da humanidade deslocou-se para a liderança do comunismo. Shaw não teve de morrer cheio de tristeza». O futuro está com Lenin e Stalin».

Shaw era um artista. Ele não deve ser julgado primordialmente como um pensador, a despeito de sua prodigiosa energia mental. Todas as contradições do mundo podem ser encontradas, acotovelando-se umas às outras, no oceano de sua produção. Grandeza e mesquinhez de idéias estão ombro a ombro, igualmente iluminadas e imortalizadas em estilo e graça transcendentais. Ele era um marxista e um anti-marxista, um revolucionário e um reformista, um Fabiano e um encarnecedor do Fabianismo, um comunista e um detrator dos super-impostos. Somente os mediocres procurariam construir um sistema intelectual abstrato das miríades de tendências e correntes, de Ibsen e Marx, Henry George e Jevons, Nietzsche e Samuel Butler, Lamarck e Bergson (Freud não — ele nunca caiu nessa), Platão e Thomas de Aquino, que cruzavam e entrecruzavam e se transformavam na fornalha de sua imaginação e de seu pensamento.

Porisso o teatro foi o seu melhor meio de expressão. Suas peças sobreviverão a seus prefácios. Com as criações de sua imaginação, ele desvendou, com força e penetração humana inegaláveis, com inspiração cômica raiando as vezes pelo trágico, todas as contradições de sociedade moderna, mesmo aquelas para as quais não podia apresentar soluções. Suas peças têm sido acusadas de peças de diálogos apenas, de discussões e de debates. Algumas delas, com

efeito, especialmente as últimas, correspondem em grande parte a essa descrição. É verdade também que Shaw era um soberbo polemista e panfletário. Mas, em todas as suas memoráveis peças, e sobretudo nas peças do maior período, antes de 1914 e de «Heartbreak House», foram seu gênio criador como artista, o humanismo grandioso que sempre se manifestava em tudo de sua vida e em todos seus pronunciamentos, sua simpatia humana e sua imaginação, e seu interesse pela sorte da humanidade, que deram a força que tem o seu teatro. Ele amava os seres humanos. Era um socialista, portanto.

A despeito de todas contradições superficiais e da vagueza de suas teorias e de sua política quotidiana, sua integridade como artista, integridade baseada em largo humanismo e sentimento social, nunca hesitou ou vacilou.

Shaw odiava a sociedade capitalista. Odiava todas as falsidades, iniquidades, imposturas, servilismos, ostentação, crueldades, suficiências; tudo que aviltasse a natureza humana. Deleita-se em pulverizar as invencionices convencionais que escondem as ulcerações escrofulosas da opressão de classe, o parasitismo e degradação. Desmascarou a sociedade capitalista com uma intensidade apaixonada, ainda não igualada por qualquer outro escritor de língua inglesa.

«A polida sociedade inglesa moderna, minha esfera nativa, parece-me tão corrupta quanto pode corromper uma consciência aguda de cultura misturada com a mais absoluta desonestidade. Turba hipócrita, mentirosa, intrigante, sequiosa de riquezas e prazeres, avida de celebridade, que, tendo perdido o medo do inferno, e não o tendo substituído pelo amor da justiça, não se incomoda com nada que não seja a parte do leão nas riquezas que arranca das classes que as criam ameaçando-as com a fome».

Em uma frase patética de seu Manual do Revolucionário se revela a um só tempo a intensidade de seu sentimento e a fraqueza de sua formação intelectual. «O mundo não suportará a tomada de consciência daqueles que sabem o que ele é». Shaw amava o socialismo. Trabalhou pelo socialismo. Sacrificou-se pelo socialismo. Dedicou toda sua poderosa

betismo desapareceu após um intenso trabalho de alguns anos, o amor pela cultura foi despertado em todo o povo. Não apenas o nível artístico das obras de literatura e arte se elevou, não apenas criaram-se condições propícias ao trabalho dos sábios. Mas, igualmente, e antes que tudo, estendeu-se a cultura a todo o povo, o seu desenvolvimento e a sua elevação passaram a interessar a dezenas de milhões de cidadãos. Um fato novo no mundo, esse país que se empenha em fazer de cada trabalhador um homem de elevada capacidade intelectual, a eliminar as barreiras que separam o trabalho manual do trabalho intelectual.

Um operário me disse em Kiew:

— Marchamos para fazer de cada operário soviético um engenheiro.

Numa população de duzentos milhões de habitantes, trinta e seis milhões de crianças — a totalidade da população infantil e juvenil do país,

entre 7 e 14 anos — estuda nas escolas. O número de universitários é de um milhão e duzentos mil, nos 864 estabelecimentos de educação superior, sem contar um milhão e trezentos mil dos estabelecimentos de ensino secundário especial. Mas não são somente esses milhões que estudam. Os 160 milhões de adultos continuam a estudar, a enriquecer sua cultura, a diminuir as diferenças de cultura entre o trabalhador manual e o trabalhador intelectual. O nosso Castro Alves, num poema onde cantou o futuro livre dos povos, disse que haveria de chegar o tempo em que «ao canto dos obreiros, na orquestra audaz do malho, o ruído se mistura da imprensa, das idéias». Esse tempo chegou já para a União Soviética. Era a pátria socialista que o poeta genial adivinhava nas estrofes de «O Vidente», era a URSS, libertadora de povos e da cultura que ele cantava em seus versos imortais!

energia na propaganda do socialismo. Não houve encargos por menores que fossem que ele não assumisse para ajudar a causa do socialismo ou para auxiliar socialistas.

Existe outro elemento que deve estar presente em nossa atenção para podermos separar o ouro da ganga exuberante de sua produção onde os pigmeus podem servir-se a vontade para provar teses mesquinhas, para diminuir a estatura do homem, amesquinhar-se a grandeza.

Uma pequena recordação pessoal de trinta e um anos atrás pode me ser perdoada aqui, pois trata-se de um fato que me fez ganhar em compreensão e aprender uma certa tolerância.

Foi em 1919, no dia em que foi publicado o Tratado de Versalhes. Passeando com Shaw perguntei sua opinião sobre o assunto. Ele respondeu: «Os alemães são prodigiosamente afortunados; estão livres do peso dos armamentos, e progredirão comercialmente, enquanto nós seremos arruinados com intoleráveis despesas de guerra». Com toda a impetuosa crueza da juventude eu me dispuz a ensinar ao vovô elementos de economia política e respondi: «Isso pode ser engraçado, mas não é verdade», e ajuntei que o Tratado de Versalhes colocava pesados onus sobre a nação alemã, contra os quais mais cedo ou mais tarde ela se revoltaria. Shaw olhou-me com compaixão, como se faz com um neofito, e disse: «Isso pode ser verdadeiro, mas não é engraçado; e se você só diz a verdade na Inglaterra, por mais brilhante que seja ninguém ouvirá, será ignorado». E passou a uma longa lição cheia de conselhos avunculares. Explicou-me baseado em sua experiência pessoal, que um jovem escritor socialista tem que escolher uma de duas alternativas: ou escrever a verdade para satisfação própria, em pequenos jornais de circulação infinitesimal, destinados a um grupo restrito de leitores que discordariam violentamente, ou, endereçar-se aos milhões misturando a verdade com um contingente fantástico de contra-sensos e ficções convencionais, e fazendo-os engulir a verdade sem o saberem. Lembro-me da obstinação com que defendi uma terceira alternativa: dizer a verdade e alcançar também as massas, como os marxistas já haviam conseguido em muitos países, e que, embora isso fosse mais difícil na Inglaterra, poderíamos também consegui-lo aqui.

Este episódio volta a minha memória sempre que me defronto com algumas das declarações mais absurdas ou exasperantes que aparecem ocasionalmente na obra de Shaw. Nem tudo que traz sua assinatura reflete a verdadeira tempera do homem. Muito do que escreveu, poderá felizmente ser esquecido. É necessário separar o joio do trigo, o ouro puro da ganga enorme.

Mas este episódio, que lança alguma luz sobre suas fraquezas, também ilumina a força de Shaw. Armado com a lamina de um estilo e graça incomparáveis, conscientemente dispôs-se a atingir o público aos milhões através dos canais obstruídos da propaganda na Inglaterra imperialista, e usou sem restrições todos os poderes de seu gênio para sacudi-los da modorra («Eu deveria ter escrito sempre no pressuposto» dizia no Labour Monthly de julho de 1941, «que os ingleses são retardados, tolos e politicamente ignorantes, no seu conjunto»), e inculcar-lhes uma perspectiva sadia, civilizada e socialista. Esta missão ele cumpriu brilhantemente, melhor do que ninguém. Transformou as idéias da política na linguagem da vida. Desafiando o capitalismo para um combate singular num mundo onde impera a publicidade capitalista, alcançou o cume da publicidade e de tal modo que todas as avenidas da publicidade capitalista se tornaram suas — exceto em suas declarações mais sérias.

Mas teve que pagar o preço exigido. As verdades de Shaw sempre se apresentaram dentro de uma forma retorcida. Os bobos da corte de Shakespeare podiam dizer tanto, não mais; e, a agonia em seu coração conservou-se afinal sem solução. Lutando só, em esplêndido isolamento, sem contato com o movimento das massas, e sem confiança nelas, ele só poderia ser um pregador isolado, um iconoclasta, um herético — nunca um líder. E a amargura brota dele às vezes num grito ocasional, como no prefácio de «Maíor Barbara»: «Embora eu tenha sido um panfletário e um pregador, como qualquer dos enciclopedistas, devo confessar que os meus métodos são de nenhum proveito». Este sentimento de impotência do idealismo isolado tornou-se mais pronunciado nos



GEORGE BERNARD SHAW

últimos anos, quando a vitória dos realistas, dos marxistas, do movimento das massas que ele negara e desprezara, ficou demonstrada com a vitória da Revolução Soviética e com todo o curso dos acontecimentos históricos. O coração exaltou-se com a revolução vitoriosa, mas a sua formação intelectual o havia conduzido por outro caminho.

Foi mais profunda a ação do mal, do que o sentimento de incapacidade individual diante do poder dirigente dos Mammon, dos «Undershafes» e dos «Horseback Halls» mesmo quando lhes denunciava impiedosamente a falência. Torceu sua filosofia. Lutando sozinho ele tinha que entrar em acordo com o adversário, mesmo quando o combatia. A conclusão final sempre falta em Shaw. A análise impiedosa e o diagnóstico revolucionário não levam a conclusão alguma, pois a única conclusão seria a ação, a ação das massas, e isto Shaw renunciou desde o início como impossível. A análise revolucionária causticante termina em uma conclusão Fabiana capenga e impotente. O fogo de artifício de seu pensamento subia para o alto, iluminava e deslumbrava toda a paisagem para cair finalmente, sob a forma de um livro fabiano, ou o relatório de uma sub-comissão da minoria para a reforma administrativa. A construção mental do fabiano estrangula e obscurece a penetração revolucionária do artista. Eis o conflito brilhantemente analisado por Alick West, em seu estudo recentemente publicado, «Um bom homem caído entre Fabianos», baseado nas novelas e peças de Shaw.

Shaw derivava seu socialismo de Marx. Tornou-se um socialista lendo o Capital de Marx. A propósito escreveu: «Marx abriu-me os olhos para os fatos da história e da civilização, deu-me uma concepção inteiramente nova do universo, um propósito e uma missão na vida». E novamente em 1943: «Só existem duas espécies de estadistas, os fósseis pre-marxistas e os vivos post-marxistas. (Daily Herald, 10 de março de 1943). Gostava de se proclamar marxista e comunista, embora zombasse abertamente dos marxistas e comunistas, e exibisse uma monumental ignorância do que escreveu Marx.

Mas era o artista em Shaw que sentia o artista em Marx, sentia o poder gigantesco e paixão de Titã e Prometeu, o estilo imortal de Marx, o saber enciclopédico, a larga visão que dominou todo o panorama da história e da existência humana. Em 1900 Shaw escrevia a Händman: «Acho Marx velho como Amos — o Capital um irado Velho Testamento (em novas edições azuis) e nada mais».

A ciência marxista era um livro fechado para Shaw. Ele desconhecia a ciência da história, das classes, da economia, a estratégia e a tática da luta de classes; só conhecia heróis e pobres massas enganadas e ignorantes, Cesares pacientes e todo-poderosos e idiotas consumados; profetas e malandros; despotas e rebeldes; artistas e filisteus, Fabianos e utopistas românticos; o céu e o inferno. Mesmo a revolução soviética só lhe era compreensível em termos de Lenin. O triunfo do socialismo na Rússia para ele significava Stalin.

Sem os firmes alicerces da dialética materialista não poderia haver teoria, apenas paixão moral, descobertas empíricas, ou o jogo cintilante das idéias. Sem o firme fundamento da economia materialista, não pode haver teoria social, não há navegação possível nos escolhos e baixios do mundo moderno.

Shaw tropeçou na cartilha rudimentar da teoria do valor, desistiu de avançar investigando e dominar a chave que abre os mistérios das leis que movimentam a sociedade capitalista, e preferiu acomodar-se aos gastos lugares comuns dos Jevons ou Marshalls, sem compreender que havia capitulado teoricamente ao capitalismo que suas emoções detestavam. Contemplando o quadro aparente do movimento operário inglês do último quartel do século XIX, considerou a classe operária como incapaz de desempenhar qualquer papel. Considerando as pequenas seitas socialistas, eliminou a concepção de uma revolução socialista como ilusão romântica. Retirando-se para a deplorável companhia das senhoras e senhores da Inglaterra refinada, sentiu-se igualmente horrorizado pelo que viu entre eles, mas incapaz de conceber qualquer alternativa. Nos intervalos das cabulosas intrigas fabianas, que ele confundia com atividade política, procurava alívio para a repugnância que estas lhe causavam nos estimulantes místicos que o deixaram a mercê de qualquer charlatão vitalista ou qualquer mania religiosa de construção de Deus, até que morreu nos braços (metaforicamente falando, digamos desde logo) de Lady Astor que lhe balbuciava cousas a respeito de Mrs. Eddy.

Mas seu coração permaneceu fiel aos sonhos da revolução socialista, que a cabeça rejeitava. Se abandonou a concepção da revolução socialista como uma ilusão até que 1917 começasse a abrir-lhe os olhos não o fez com a euforia do renegado, mas com as lágrimas de quem fora deserdado. Muitas e muitas vezes o seu desejo revolucionário se chocava com as limitações asfixiantes da estreiteza teórica de seu equipamento fabiano.

Já no primeiro manifesto fabiano que redigiu em 1884 (o famoso volante n.º 2, que foi recolhido) concluía: «Seria melhor enfrentarmos uma guerra civil do que suportar outro século de sofrimentos como este que passou.

Em 1904 ele escreveu para protestar contra a noção de que «existem dois caminhos para nós: a ação parlamentar ou a força física, excluindo um o outro», e continuou:

«Não é assim. A ação parlamentar é geralmente o primeiro estágio da guerra civil. E' impossível, é claro, que o capitalismo desapareça sem luta, mas eu consideraria qualquer estadista que contasse com isso como extremamente temerário. O engano que cometem os agressivos apologistas de barricadas não está em acreditarem que a revolução só se realize pela força, mas em colocar a luta no extremo errado do processo». (Clarion, Outubro de 1904).

«A tragédia amarga da vida de Shaw, comentou T. A. Jackson recentemente ao citar esta passagem «é que estas palavras sábias (que poderiam ser corroboradas por passagens equivalentes de Marx, Engels, Lenin e Stalin) se anulavam por suas invectivas a Marx e ao marxismo, que contribuíam para promover aqueles homens «extremamente temerários» à liderança oficial do socialismo trabalhista na Inglaterra».

A revolução soviética salvou Shaw e resolveu finalmente sua contradição. Ele apoiou desde o início a revolução bolchevique. Quando outros se afastaram, e mesmo um Kautsky apesar de todo seu pomposo pedantismo anterior, voltou-se para a denúncia, o velho fabiano Bernard Shaw, num culto austero à verdade, declarou com magnífica simplicidade: «Somos socialistas. A causa russa é a nossa causa». Gostava de blazonar que «os dois velhos hiper-fabianos, Webb e Shaw,

sustentavam o fogo em suas posições como Fox (em seu apoio à revolução francesa), enquanto os socialistas sentimentais se apartavam de Stalin em todas as direções, gritando como S. Pedro: «Não conheço este homem». Sim, os velhos líderes fabianos, os Webbs e Shaws, — em contraste com a deplorável progênie dos fabianos mais jovens de hoje — se redimiram em seus derradeiros anos, pelo apoio franco aos bolcheviques e à Revolução Soviética, depois seu triunfo foi assegurado.

Shaw como os Webbs, não era um teórico. Eles chegaram à Revolução russa, e ao reconhecimento final de suas realizações democráticas e socialistas pelo tradicional caminho inglês do empirismo. Eles não eram capazes de prever teoricamente as possibilidades de um sério partido revolucionário marxista (desdenhavam até o último dessas possibilidades nos países onde ele não subira ao poder), ou o sucesso de uma revolução socialista; há muito haviam abandonado essa concepção como uma puerilidade romântica. Mas uma vez que a sólida realização lá estava, eles tiveram a coragem de reconhecê-la publicamente, e de construir todo seu pensamento ulterior nessa base, ainda que todas suas concepções anteriores fossem subvertidas. Aí estava a grandeza deles.

Mesmo em 1928, em seu «Guia de uma mulher inteligente no socialismo e no capitalismo», Shaw ainda veiculava o gasto contra-senso dos jornais sobre o fracasso do socialismo na Rússia e a volta ao capitalismo.

«Os estadistas russos descobriram que em um país realmente livre — isto é, um país que pertence a seu povo, e onde qualquer grupo de cidadãos capazes e conscientes pode organizar qualquer serviço público que pretenda sem recorrer ao parlamento para leis particulares ou ter de pagar somas monstruosas a latifundiários ou advogados — a consequência da liberdade é tantas vezes maior do que poderia ser previsto sem uma demonstração prática, que as transformações sociais que a Rússia realizou em dez anos sob o novo regime, só seriam possíveis em cem anos dentro de nosso sistema.» (Conversações entre Stalin e Weiss, New Statesman and Nation, dezembro 1934). De Stálin disse ele há 16 anos atrás, é «um estadista de uma experiência única, comparaos a quem os dirigentes do mundo ocidental, presos a uma ordem automática e corrupta com um equipamento de frases ocas, histórias fictícias e rotinas obsoletas, parecem figuras raquéticas enfileiradas em um Museu de Cera de segunda mão.»

Reconhecia sem hesitação, depois de sua visita à União Soviética, a falência, a bancarrota das idéias e métodos dos Fabianos e do reformismo do Partido Trabalhista na Inglaterra («o socialismo fabiano foi um fracasso vergonhoso na Inglaterra» — Daily Herald, 10 de março de 1943) — embora de maneira confusa tentasse reivindicar como recompensa que as suas «Teses Fabianas» tinham triunfado na Rússia «A suposta conversão da Inglaterra ao socialismo constitucional feita pela Sociedade Fabiana, mudou menos do que a conversão do Império Romano ao cristianismo por Constantino.» (Everybody's Political What's What, 1944).

Castigou sem piedade ao Partido Trabalhista, liderando práticas reformistas imperialistas e os sucessivos governos trabalhistas até que, durante o atual e desastroso governo trabalhista de Attlee, ele escrevia no Daily Herald, 13 de maio 1948: «a oratória de nosso Trabalhismo está atingindo um ponto tal que qualquer socialista que saiba do que está falando não poderá endossá-la ou mesmo ficar no Partido Trabalhista.» No mesmo artigo exprimiu um sentimento de grande significação para o Congresso de Paz de Sheffield «a Igreja da Inglaterra acaba de trair o Cristianismo ao abençoar a bomba atômica.»

Sim, Bernard Shaw foi um lutador até o fim. Em momentos de crise, ao estourar a guerra de 1914, e novamente em 1939, ele teve a coragem de tomar uma posição impopular. Ganhou com isso o ódio das autoridades, ódio que eles tentaram inutilmente esconder nos últimos anos por trás dos esforços para canonizá-lo.

Saudamos em Shaw um grande humanista e um grande artista, um verdadeiro batalhador nas lutas de libertação da humanidade, um pioneiro as idéias socialistas e comunistas, o homem que Máximo Górkí aclamava como «um os pensadores mais corajosos da Europa.»

A BIENAL — IMPOSTURA COSMOPOLITA

FERNANDO PEDREIRA

Os jornais do Rio e de São Paulo estão fazendo uma atoarda ensurdecedora em torno desta primeira Bienal do Museu de Arte Moderna que, dizem eles, «dará a São Paulo, no terreno artístico, a indiscutível liderança que já conquistou como centro industrial.» Intelectuais e damas da sociedade revezam-se em louvores desmedidos a esta iniciativa que é... «um atestado da nossa maturidade artística.» E o Sr. Osvaldo de Andrade, sempre mais premeditadamente irresponsável que qualquer outro, pontifica: «A primeira Bienal de São Paulo anuncia um deslocamento do eixo cultural e artístico do mundo...»

Deixando de lado o ridículo destas e de outras fanfarronadas, convém examinar o que se esconde por traz delas. Quem são os organizadores da Bienal? Quais os seus objetivos? Os noticiários distribuídos pela imprensa falam do «espírito empreendedor» e da «generosidade» do Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho. Exaltam, em tiradas patrioteiras como as que citamos, o desprendimento dos mecenas que tudo fazem para dar ao Brasil e a São Paulo um lugar de destaque no campo da cultura. Mas a realidade é outra. A arte é um meio poderoso e indispensável de educação do povo, ao tempo em que dá expressões às suas aspirações. A arte, como reconhece o próprio Sr. Getúlio Vargas em seu recente discurso, está estreitamente, «indissoluvelmente» ligada à política. Por isso as classes dominantes procuram controlar a produção artística, usá-la em seu interesse, para que eduque o povo de acordo com os seus desejos e deixe de ser a expressão das aspirações populares. Eis aí a razão de tanta generosidade e desprendimento. Os falsos mecenas querem controlar a arte, orientá-la no sentido da sua política.

A Bienal não tem outro objetivo. Nos países mais adiantados, onde a arte adquiriu há mais tempo um grande desenvolvimento, de há muito ela é monopolizada e centralizada pelos homens de dinheiro através de organismos especialmente criados para esse fim e que dominam o mercado artístico. Na Grã Bretanha o British Council é o principal centro deste tipo. Nos Estados Unidos são o Museu de Arte Moderna de Nova York e as demais entidades culturais controladas por Nelson Rockefeller. E assim por diante. A criação do Museu de Arte e do Museu de Arte Moderna de São Paulo, assim como este grande esforço que é a organização da primeira Bienal, significam apenas que as artes plásticas no Brasil começam a preocupar as classes dominantes. O aparecimento de artistas como Portinari e tantos outros, cujo talento e fidelidade ao povo fazem de suas obras uma arma de educação e progresso, obriga os «donos da vida», interessados na conservação do atual estado de coisas de atraso e ignorância, a tomarem providências. Não podem mais permitir aquelas relações meio idílicas, aquela «tolerância complacente» de que nos fala o Sr.

Vargas, que eram a norma para os contactos entre os nossos magnatas e seu governo, de um lado, e os artistas, do outro. Os tradicionais Salões em que as autoridades deixavam aos artistas reunidos o cuidado de distribuírem entre si os prêmios e estímulos oficiais, não são mais suficientes. É preciso fazer ouvir a voz do dono, mostrar quem paga e só pagar aos que respeitarem as conveniências.

Como que para provar o que dizemos, a Bienal grosseiramente exhibe todos os tubarões que a patrocinam e dirigem. Sem o menor vislumbre de pudor ou mesmo de modéstia, lá estão as classes «produtoras» no seu uniforme comercial mais surrado. Basta ver a lista de prêmios: prêmio Metalúrgica Matarazzo S/A, prêmio Banco Moreira Sales S/A, prêmio «A Equitativa», prêmio Teddy do Brasil S/A, prêmio Companhia de Seguros e Capitalização do grupo Sul América... e assim por diante. Internacionalmente, a Bienal se apoia nas organizações culturais de Rockefeller nos Estados Unidos, no British Council e em centros similares da França, da Itália e dos demais países. A participação de artistas estrangeiros, de que tanto se fala, é feita através destes centros que escolhem as obras a serem enviadas. Se encontramos entre estas alguns trabalhos de Picasso ou de Matisse, por exemplo, isto não se deve à liberalidade dos selecionadores ou ao seu espírito de justiça; mas ao fato de que estes nomes conhecidos de comunistas e de partidários da paz, servem de disfarce à enxurrada de arte decadente que nos impingem. O regulamento da Bienal, aliás, regulamento draconiano que levantou protestos em todos os setores, reserva à direção do Museu de Arte Moderna o controle absoluto dos júris de seleção e de premiação, sem sombra de liberalismo. Para acalmar os descontentes, o Sr. Matarazzo apressou-se a declarar que o júri de seleção terá como objetivo apenas selecionar as obras modernistas que só estas poderão participar do certame. Esta diretiva, embora possa parecer inocente, merece melhor exame. O desejo muito consciente do Sr. Matarazzo é fazer da Bienal uma apoteose do modernismo decadente. E isto não é simplesmente o resultado de uma preferência estética. Um sócio de Rockefeller (pensemos na refinaria de Capuava, por exemplo) não mete prego sem estopa. Há mais de meio século que as classes dominantes perceberam o grande serviço que lhes poderiam prestar as tendências ditas modernas, tendências que negam o valor social da arte, sua função educadora e progressista, transformando-a num jogo formal para a delícia dos iniciados. Os Srs. Rockefeller, Matarazzo, Chateaubriand, Jaffet e demais mecenas do mesmo tipo, pretendem afundar a arte no pântano do formalismo moderno. E o seu argumento é o dinheiro. Quem quizer concorrer aos mil e quinhentos contos da Bienal, que faça arte decadente. Na palestra que teve com os artistas no curso do mês passado, foi este

o tema central do discurso do Sr. Matarazzo: o dinheiro, o interesse das classes «compradoras», o valor «intrínseco» da obra de arte no mercado, as oportunidades que conseguirá do Governo para os artistas bem comportados, durante os preparativos para o IV Centenário de São Paulo, etc. etc... Homem prático, sua arma para conquistar os artistas é a corrupção. Embora, para atrair o público, sejam suficientes alguns holofotes e meia dúzia de tiradas patrioteiras como as que citamos no início.

A Bienal marca, portanto, o começo de uma nova fase. Terminou a época idílica. Assim como fizeram nos países mais adiantados, também entre nós as classes dominantes (ou compradoras, como prefere o Sr. Matarazzo) estão montando a sua máquina de corrupção e propaganda para controlar e orientar o desenvolvimento das artes plásticas. Este verdadeiro truste internacional de arte chefiado por Nelson Rockefeller e que inclui notadamente, como vimos, o Museu de Arte Moderna de Nova York e o British Council (além do próprio Museu de Arte Moderna de São Paulo ligado ao primeiro por um convênio) cuida agora de reforçar as suas bases no Brasil, de aumentar sua influência em nossos meios artísticos. E isto não apenas com a «tolerância complacente» mas com o apoio oficial do Sr. Getúlio Vargas que acaba de aceitar a presidência de honra da Bienal e que nomeou, não há muito, para organizar o Salão Nacional de Belas Artes deste ano, a Sra. Iolanda Penteado Matarazzo que dispensa apresentações.

Por tudo isso, não é de admirar que, de outubro a dezembro, venham reunir-se em São Paulo os expoentes teóricos da arte decadente. Estarão entre nós, além de outros, Jean Cassou, Herbert Read e o diretor do M. A. M. de Nova York que virão embasbacar a ignorância nativa, cantando as excelências do formalismo. Para aplaudi-los e salientar a sua cultura e o seu brilho, virá do Rio o «parisiense» Mario Pedrosa, pontífice do moribundo trotskismo nacional, que considera os trabalhos do alienado Rafael a mais legítima expressão da arte brasileira e que pleiteou o seu envio à Bienal de Veneza. Isto, além dos esforçados colaboradores habituais do Sr. Matarazzo, o crítico Ciro Mendes e o canastrão Lourival Gomes Machado.

Aliás, todos estes nomes e mais os de alguns dos convidados especiais, como a Sra. Maria Martins, por exemplo, ou o Sr. Livio Abramo, propagandista dos produtos Esso é péssimo aquarelista, bastariam, na falta de outros dados, para nos dar uma idéia do grau de charlatanice, pobreza mental e reacionarismo que esta exposição atingirá.

Teremos pois, um espetáculo edificante. A primeira Bienal de São Paulo, mesmo que não promova «um deslocamento do eixo cultural e artístico do mundo», como quer o Sr. Osvaldo de Andrade, terá servido para esclarecer certas questões ainda um tanto con-

As histórias em quadrinhos, esse veneno da juventude

I B I A P A B A M A R T I N S

Realizou-se há pouco, na cidade de S. Salvador, um Congresso de Escritores Infanto-Juvenis. Dezenas de teses foram apresentadas; debateram-se questões importantes para os destinos da literatura infantil e algumas resoluções aprovadas unanimemente. Entre as teses e resoluções, destacavam-se as que se referiam ao pernicioso tipo de histórias em quadrinhos que, atualmente, avassala as bancas de jornais do país.

Uma das teses aprovadas e premiadas foi a do jovem paulista Lucio Endo, frequentador assíduo da Biblioteca Infantil de Itaim onde, disse, não penetram as indesejáveis histórias em quadrinhos. A tese de Lucio Endo tem como título «A Influência das Histórias em Quadrinhos na Formação da Juventude» e nela o autor estuda detalhadamente suas origens, reportando-se aos primeiros desenhos animados, ao Comondongo Mickey e ao Gato Estopim para terminar nos Dick Tracy, «Superman» e fantasmas voadores. Diz o jovem que em tais histórias em quadrinhos só aparecem personagens de aspectos sensacionais como o «Super Homem», o «Bat-Man» e o «Black-Terror», arquitetados por imaginações de loucos ou criminosos, que se transformam em mestres das mais nefandas patifarias e crimes.

«Entro num bonde — afirma Endo — ou qualquer condução onde haja um garoto e é difícil vê-lo sem um «Gibi», «Superman» ou publicação semelhante. Em alguns de meus colegas vejo traços «gibiescos» pois procuram imitar os super-homens e os homens morcegos. São inflados e grandiloquentes, super-mentirosos e maliciosos quando não se transformam em verdadeiros mariquinhas. O desenho dessas histórias é péssimo e a imaginação dos criadores pior, pois nada mais fazem senão repetir os mesmos crimes e violências. A linguagem utilizada nos diálogos é pura giria. Nos próprios Estados Unidos, de onde nos vêm a maioria dessas histórias, chegaram alguns educadores à triste conclusão de que constituem um erigo para a herança cultural do país. O chefe da Biblioteca Pública de Nova York, sr. Francis Clarke Sayers, num estudo intitulado «O Trabalho e a Infância», chegou mesmo a afirmar:

De uma nação de leitores de livros em quadrinhos só podemos esperar uma nação de adultos contempladores de fotografias».

«A concepção do bem e do mal, para os autores dessas histórias, é inacreditável pois ao mocinho, ao herói, tudo se permite, embora sejam cruéis e violentos. Deve-se ainda aduzir a esses males o prejuízo de ordem econômica para os leitores já que existem dezenas e dezenas de publicações diferentes, além do mal que acarretam aos desenhistas e ilustradores brasileiros. Através de um inquerito publicado em «Magazine Digest», dos Estados Unidos, ficamos sabendo o seguinte:

- 1º — A delinquência juvenil aumentou nestes últimos dez anos.
- 2º — Igualmente cresceu a leitura dos livros em quadrinhos, pois aproximadamente nove menores em cada dez, entre os seis e dezoito anos de idade, lêem cerca de 60.000.000 de exemplares por mês.
- 3º — 41% da população masculina, civil, e 28% das mulheres são leitores assíduos das histórias em quadrinhos.
- 4º — Consequentemente, deve haver uma relação estreita entre o aumento de crimes e a leitura das histórias em quadrinhos».

Prosseguindo na exposição de sua tese, Lucio Endo afirma que a indústria que move o comércio das histórias em quadrinhos é poderosa e se acha protegida pelos jornais, estando mais ou menos imune aos ataques da imprensa «sadia». E conclui afirmando constituir um dever da juventude brasileira um combate sem tréguas às histórias em quadrinho que despersonalizam a nossa herança cultural, incutindo na infância a ideologia dos «super-homens» de novo tipo.

Essas as afirmações do jovem que não lê histórias em quadrinhos. Poderia, porém, acrescentar maior número de dados e aprofundar certas análises. Nas histórias em quadrinhos, concluiu um outro inquerito, os personagens ou são «sherifes» ou médicos loucos ou policiais e ladrões. De raro em raro, como «ponta» aparece um ou outro operário. Além disso, são fabricadas em série nos Estados Unidos da América do Norte por quatro ou cinco grandes monopólios entre os quais se destacam as oficinas de «King Features Sindicato Inc.», com representantes em todo o mundo; a «National Comics Publications»; a «Macfaden Publications Corp. International» que no Brasil distribui sob a responsabilidade da Editora Brasil-América, de Adolfo Aizem, as revistas «O Herói», «Album Gigante», «O Idílio», «Superman», «Ai, Mocinho», penetrando além disso nos Diários Associados de Chateaubriand, «O Globo», de Roberto Marinho; «Ultima Hora», do novo cometa do anti-comunismo, Samuel Wainer. Aliás, há poucos dias, este comensalzinho de Getúlio inaugurou no suplemento infantil de seu jornal um novo tipo de provocação guerreira, publicando uma história em quadrinhos na qual canibais fascistas «yankees» apareciam como libertadores da China. Na infame historietta, que não passa de um sonho de «tigres de papelão», os soldados do glorioso Exército Popular aparecem como fumadores de ópio, isto é, justamente com a fisionomia de celebrados própria de um Austin, Morgan e MacCormick...

Nas oficinas em que se «fabricam» em série as histórias em quadrinhos, reina a maior exploração dos desenhistas. Enquanto o pretense criador (quasi sempre não passa de um empreendedor, um capitalista de tipo comum) é homem como Alex Raymond, criador de Flash Gordon, que recebe a bagatela de 1.500 cruzeiros por quadrinho, — os outros, os párias, ganham ninharia. E há, além disso, perseguições incriveis contra os que não resam pela cartilha dos provocadores de guerra. Assim é que All Cap, criador de Li'l Abner, recebera uma proposta de apenas duzentos dólares por semana, da parte do «King Feature Syndicate», com a condição ainda de que suas historietas fossem modificadas. Não concordando, empregou-se na United Feature a cinquenta dólares por semana. Mas, logo que se viu com o personagem criado por All Capp, a companhia tentou despedi-lo. E todos os truques foram postos em prática, inclusive cartas e protestos de senhoras moralistas: achavam que suas histórias ridicularizavam o modo de vida americano... All Capp chegou, inclusive, a comparecer diante do Comité de Atividade Anti-Americanas, por esse «crime»...

No momento, alguns desenhistas brasileiros pretendem reabilitar as histórias em quadrinhos, dando-lhe um cunho nacional e progressista. Syllas Roberg e Alvaro Moya, dois jovens, chegaram mesmo a organizar uma exposição de histórias no Centro de Cultura e Progresso desta capital. É possível que consigam o objetivo que se propuseram, pois as histórias em quadrinhos constituem vasto campo para as atividades dos escritores e desenhistas que não queiram curvar-se ao «modo de vida americano».

fundamentos
fusas. De fato, nunca se tinha visto, entre nós, manobra tão evidente para colocar sob o domínio dos tubarões da finança, a produção artística nacional. Nunca fôra mais claro o esforço do imperialismo, através dos seus agentes culturais (o mecenas Rockefeller à frente) para firmar posições e ganhar

influência entre os intelectuais brasileiros. Acima de divergências menores, entretanto, os artistas honestos, modernos ou acadêmicos, de quaisquer escolas ou tendências, mas realmente dignos do nome de artistas porque respeitavam a elevada responsabilidade que a

sua condição lhes confere, saberão unir-se para combater estas tentativas de suborno da inteligência e de desnacionalização da arte de nossa terra. E deixarão aos Lívio Abramo, Maria Martins, Santa Rosa e similares a honra de disputar os prêmios do Sr. Mata-razzo.

P A Z , P R O G R A

Numa crônica publicada pelo jornal "O Estado de São Paulo" (12/VIII/51) o jornalista Rafael Correia de Oliveira reclamava contra o abandono em que se encontram no Brasil os ex-soldados da FEB:

"Pouco se fez aqui pela sorte do expedicionário. E isto não pode deixar de exercer uma grande influência de ordem psicológica na opinião pública se amanhã tivermos de organizar nova expedição militar".

Pedia, pelo menos, um monumento comemorativo, deixando...

...a resposta ao governo e a quantos se batem pela participação do Brasil na próxima guerra".

O Jornal e o jornalista, fazem propaganda de guerra.

Mas quem são os que se batem pela guerra?

A resposta, acha-se no mesmo jornal, do mesmo dia, num artigo sobre preços de matérias primas, inflação etc.:

"se a guerra estourar não é possível haver depressão econômica (crise) pois não há exemplo de sua existência numa fase bélica".

A iminência de uma crise econômica assusta os capitalistas do mundo inteiro e a guerra, por desumano que seja, é a única solução que vêm para a crise. Esse refrão: "uma guerra contra a crise" comanda a propaganda belicista nos quatro quadrantes.

Em 1947 o governo dos EE.UU. dedicava 11 bilhões de dólares para o orçamento militar (tinha 4 milhões de desempregados). Hoje o Gal. Marshall reclama do Congresso norte-americano, 60 bilhões de dólares para as despesas militares.

As enormes verbas para a preparação militar são gastas com as grandes indústrias — de aço, de combustíveis, de motores, de equipamentos de toda sorte. Prati-

ticamente todas as indústrias recebem direta ou indiretamente encomendas, quando há preparação militar. Estas encomendas dão lucros astronômicos.

Quem paga os orçamentos militares é o povo, com impostos escorchantes, com a redução a um mínimo das outras verbas destinadas a benefícios — instrução, saúde etc.

Por outro lado, a indústria que se vira para a guerra, deixa de produzir gêneros necessários à vida quotidiana que, escassos, sobem de preço gravando ainda mais a miséria popular enquanto fornece mais lucros aos tubarões.

Entre a guerra e os negócios dos capitalistas, há uma ligação

estreita. Isto é tão claro, que a imprensa deles reflete o medo pânico que têm da paz. Os "Diários Associados" de Chateaubriand, publicaram no Brasil inteiro um artiguete odioso sob o título "O Perigo da Paz", e toda a imprensa paulista estampou com destaque no mês de julho, o seguinte telegrama:

"NOVA YORK, 27 (UP) — O café continua firme apesar da expectativa de paz na Coreia. Tudo indica que, mesmo havendo um armistício os preços do café serão dos últimos a serem atingidos pela tendência de baixa".



MA DO POVO

A palavra PAZ os apavora; tornaram-a subversiva, perigosa. Ao ouvi-la puxam o revólver como Goering ao ouvir a palavra CULTURA. Onde os capitalistas mandam, há horror à paz. Do Chile, Gabriela Mistral nos escreve contando:

"Pode-se escrever sobre qualquer assunto vergonhoso, defender os agiotas, os touros... e o mercado eleitoral da miséria. Mas não se deve escrever sobre a Paz: a palavra é curta mas fulmina, e é preciso afastar-se do tema proibido como de um curto-circuito elétrico".

O governo brasileiro é pela guerra.

As Câmaras Municipais do Distrito Federal e de Porto Alegre, votaram moções recomendando um pacto de paz entre as cinco grandes potências, Estados Unidos, União Soviética, China, Inglaterra e França, para garantir a paz nos dias ameaçados que vivemos. Em resposta, informou o Ministro Pimentel Brandão, do Itamarati, que o governo de Getúlio Vargas é contra um pacto entre os cinco grandes. Contra a paz portanto.

Continuando a política de submissão ao desejo americano de uma hecatombe guerreira, que caracterizou a administração Du-

tra, o governo de Getúlio Vargas, assinou o vergonhoso acordo de Washington — de preparação para a guerra, escondido do povo brasileiro como prova deste telegrama:

'Washington (UP) — Todos os acordos que se propuseram na reunião (Conferência de Washington) serão em forma de resoluções e não de convenções evitando-se assim, que seja necessária a aprovação do Congresso de cada um dos países que tomam parte".

Getúlio tem medo da Paz. Prefere governar para os latifundiários e negociatas que representam os interesses do imperialismo americano entre nós. Assina pactos de guerra, a trôco de gorjetas que livrem seu governo das aperturas em que se encontra justamente por esquecer o povo.

Diz o seu Ministro da Viação:

"Os subúrbios e a marinha mercante esperam pelo ponto IV" (do programa Truman — ajuda às áreas atrasadas).

Nessas conversas, troca-se por dinheiro, o sangue de nossa juventude. Horácio Lafer (Ministro da Fazenda):

"Torna-se inadiável a elaboração de um novo programa financeiro para a renovação do material das nossas forças armadas".

O prefeito de São Paulo Armando de Arruda Pereira que foi aos EE.UU. entregar a "chave de São Paulo" trouxe um recado bem mais claro:

"Os EE.UU. somente emprestarão dinheiro ao Brasil para desenvolvimento de sua economia se houver a participação de nosso país na guerra". (O Globo — 1 de junho de 1951).



Entretanto confunde “desenvolvimento da economia do Brasil”, com os lucros dos tubarões brasileiros ligados ao imperialismo ianque.

O povo brasileiro, nesse clima de arranjos para a guerra, o que sente, é a carestia, o aumento constante do custo de vida. Nos seis meses de governo de Getúlio, os preços já aumentaram cerca de 15% em São Paulo, a julgar pelas últimas estatísticas fornecidas pela própria Prefeitura Municipal.

O governo brasileiro, prepara-se para uma guerra, à revelia do povo. Faz manobras militares de um novo tipo — agressivo e tenta mandar tropas para a Coréia sem que ninguém saiba.

A 1.a e a 2.a divisões de infantaria de São Paulo, estão prontas para embarcar. Neste momento, 2.000 marinheiros nossos já se acham na América do Norte. Treinadores americanos preparam um grupo de aviadores brasileiros no Campo de Marte. O 4.o RI (Quitaúna) e o 5.o RI (Lorena) o 2.o Regimento de Obuses, movimentam-se para partir. Para onde? Para a Coréia, para as aventuras guerreiras dos imperialistas americanos.

Protestar pela Paz, contra a carestia que a guerra engendra, contra o envio de nossos jovens para a Coréia, tornou-se neste país, altamente subversivo. Há assuntos proibidos pela polícia, há um clima fascitizante, onde as liberdades democráticas não existem. Exigir a liberdade de opinião, também é subversivo — pois equivale a lutar pela paz. Elisa Branco foi condenada a quatro anos de prisão por exercer esse direito — sentença iníqua, infame, que Dutra impôs e Getúlio mantém.

O governo de Getúlio, tem medo da Paz. Seus generais vão e voltam aflitos das conversas no Supremo comando da guerra em Washington. Ainda agora Góis Monteiro lá está, exercitando o seu fraseado cambaleante em mensagens sobre a “última batalha” e outras propostas agressivas.

Os povos do mundo todo, querem a paz. O povo sangra, morre, nas guerras — os imperialistas lucram. Na guerra, os operá-

rios trabalham por salários de fome, sem direito a protestos. As mulheres, perdem noivos e maridos. Cidades desaparecem; famílias se desfazem. Os civis vivem nos subsolos, os soldados, em trincheiras.

Afora os imperialistas e seus sócios, todos são pela paz.

Destacados escritores ingleses declaram:

“Nós, os escritores, acreditamos que a nossa civilização não poderá sobreviver com outra guerra mundial. Não estamos ligados a nenhum movimento político, partido ou crença religiosa; queremos somente que cesse a corrida armamentista”, e assinam: Herbert Read, Christopher Fry, Sean O’Casey, Roger Mac Dougall etc... etc...

Do México, também nos chegam protestos pela paz. Diego de Rivera o grande pintor, Enrique González o poeta, Barnabé Navarro o professor, e tantos outros.

Os prisioneiros de guerra, ingleses e americanos na Coréia, também querem a paz; querem voltar aos seus lares.

Os povos do mundo todo querem a paz — e dispõem de um poderoso instrumento para conseguí-la — O CONSELHO MUNDIAL DOS PARTIDARIOS DA PAZ — organização popular universal, independente, que congrega todos os homens e mulheres de boa-vontade sem perguntar credo político, religião, orientação filosófica, nada. Basta ser um partidário da paz, desejar a paz, compreender a necessidade de união de todos pela paz, para pertencer aos seus quadros. É uma organização tão poderosa e grande como o desejo de paz dos povos do mundo inteiro. Até agora, 428 milhões de pessoas pediram com suas assinaturas no apêlo do Conselho Mundial da Paz, um pacto entre as cinco grandes potências; isto sem contar as democracias populares e a Nova China. Nos EE.UU., seis milhões de pessoas já assinaram esse apêlo.

E o acôrdo entre os 5 grandes, é possível.

Na Coréia, no meio da luta, os generais se encontram para discutir termos de Paz. O acôrdo é possível mesmo onde a luta já deflagrou. Portanto é muito mais possível antes do conflito.



NICOLAU CHVERNICK

Em julho dêste ano, Truman escreveu ao Presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS, Nicolau Chvernicky, fingindo que o Congresso Americano — o mesmo congresso que vota bilhões para os orçamentos de guerra — deseja a livre troca de opiniões e a paz.

“Um dos passos mais importantes a ser dado, respondeu o presidente Chvernicky, é acabar com a discriminação da União Soviética por parte das autoridades do governo norte-americano. A União Soviética não tem planos agressivos e não ameaça nenhum país... Os povos da URSS estão completamente absorvidos na tarefa da construção pacífica do socialismo... Aproveito a oportunidade para pedir-lhe que transmita ao povo americano as saudações e votos de felicidade do povo da União Soviética”.

E convidou o governo norte-americano a firmar um pacto com a URSS e as outras grandes potências, um pacto contra a guerra, contra a corrida armamentista, contra a bomba atômica, um pacto de paz que afastando da frente dos povos o terror permanente de uma nova guerra, os reconduza confiantes para as tarefas da produção, da riqueza e da felicidade universal.

A URSS tem-se demonstrado pela paz de maneira clara.

Truman já retrucou, negando-se a assinar o pacto proposto. Diz que a ONU o substitui, o que é falso. Temos visto a bandeira da ONU aviltar-se servindo à intervenção dos americanos na Coreia. Desde 1949 a ONU tem-se revelado um instrumento da política dos norte-americanos e ingleses. Demais, Truman que usa a ONU para as suas aventuras, é quem a destrói urdindo pactos guerreiros como o do Rio de Janeiro e o Pacto do Atlântico, sem consultar o organismo internacional. Nada prova melhor a má-fé da política imperialista do que estas manobras de fingir prestigiar hoje e desmoralizar amanhã.

Ainda assim, o acordo é possível.

A URSS pode e quer conviver pacificamente com regimes diferentes do seu.

O povo brasileiro é um povo tradicionalmente pacífico. Nossa história o diz. Devemos pois, honrando nossas tradições, concentrar nossos esforços na luta pela paz.

De maneira concreta, clara, já estão traçadas nossas tarefas na preservação da paz mundial. Engrossemos as fileiras dos movimentos pela paz, independentemente de nossas convicções políticas, filosóficas ou religiosas. Que nada nos separe nessa luta. O inimigo, os tubarões e imperialistas, têm um traço de união que fortemente os une — é a sua ganância de maiores lucros, cada vez maiores, ainda que rubros de sangue.

Forcemos corajosamente esse acordo que aí temos, a recuar dos compromissos hediondos que já assumiu, e protestemos por todos os meios, contra o envio de nossos jovens para a guerra da Coreia, exigindo também que se cumpra a nossa constituição — que haja liberdade para todos opinarem a respeito, publicamente. Lutemos pelas liberdades democráticas.

A carestia é uma consequência da preparação para a guerra. Lutemos contra a carestia, apondo para a necessidade urgente de ampliar as relações comerciais de nosso país, restabelecen-

do relações diplomáticas com a URSS, as democracias populares e a Nova China, amplos mercados que atualmente consomem nossos produtos em muito pequena escala e assim mesmo através do imperialismo americano que vilmente nos explora.

A frase que condenou Elisa Branco — “os soldados nossos filhos não irão para a Coreia” — passou para as nossas bocas. Exijamos a liberdade de Elisa.

Estamos nas vésperas de elei-

ções municipais. O vereador tem uma tribuna donde pode defender os programas do povo. Lutemos pois pela paz escolhendo vereadores que realmente queiram erigi-la em programa. Votemos em candidatos que se declarem contra as resoluções guerreiras da Conferência de Washington, contra a carestia, pelas liberdades democráticas, contra o envio de tropas para a Coreia ou outra qualquer parte.

A paz é o programa do povo!

INTELECTUAIS PAULISTAS MANIFESTAM- SE CONTRA O ENVIO DE TROPAS PARA A CORÉIA

Tomando posição contra a remessa de tropas brasileiras para a Coreia ou para qualquer outro lugar fora do território nacional, os intelectuais de São Paulo assinaram o seguinte manifesto que, acompanhado das suas primeiras assinaturas, continua a receber valiosas adesões de escritores, artistas, jornalistas, cientistas, professores e profissionais liberais:

«São inequívocas as demonstrações de nosso povo no sentido de repudiar a participação do Brasil em conflitos armados que de nenhuma forma lhe dizem respeito.

Os intelectuais não podem fugir ao dever de exprimir a geral repulsa da nação ao envio de tropas brasileiras para fora do território nacional e nem deixar de alertar o povo em geral sobre a gravidade do assunto, lembrando a todos que a aceitação das medidas concentradas pelo governo, representam um afastamento da tradição pacífica de nossa história, bem como o sacrifício criminoso da vida de nossa juventude, na qual repousa o próprio futuro da pátria.

Conclamamos todos os patriotas a que juntem aos nossos os seus protestos contra as medidas tendentes a enviar forças armadas brasileiras para a guerra da Coreia ou para qualquer parte onde se verifiquem conflitos armados.»

(Ass.) Maria Pais de Barros, Gonçalves Machado, Afonso Schmidt, Alex Viany, Carlos Burlamaqui Kopke, Romulo Argentieri, Rui Barbosa Cardoso, Caio Prado Junior, J. Vilanova Artigas, F. Rebolo Gonsales, Nelo Lorenzon, Carlos Cascaldi, David Araujo B. Ottoni, Waldemar Cordeiro, Gastão Rachou Junior, Lauro Mendes, Isaac Akcelrud, Francisco de Paula Campos de Oliveira, Wolney Rabelo, Rivadavia Mendonça, Fernando Pedreira, Ibiapaba Martins, Osvaldo Correa Gonçalves, Gilberto de Andrada e Silva, José Lancellotti, Abguar Bastos, José Eduardo Fernandes, Wilson de Carvalho, Samuel Barnsley Pessoa, Artur Neves, Basilio da Costa Daemon, Maria José da Silva, Julio Dias de Moraes, Paulo Cesar, Antoineta D. de Moraes, Raul Azevedo Neto, Itajahy Martins, Terezinha Imperador, Osvaldo R. Gomes, Rodolfo Nanni, Luiz Enjolras Ventura, Alfredo G. Galliano, Teresa Nicolau, F. H. Cardoso, Walter Sampaio, F. Pompêo do Amaral, João Acioli, Eduardo Sucupira Filho, Enio Sandoval Peixoto, Rubens do Amaral Filho, José Monteiro, Carlos Ortiz, Renina Katz Pedreira, João Pontes de Moraes, Tullio de Lemos, Nelson Pereira dos Santos, Ubaldo de Maio, Jorge Rizzini, Expedito Dantas, Omar Catunda, Yolanda Prado Alves Pinto, Gracita de Miranda, Luiz Giovanini, Francisco Martins Filho, M. Tulman Neto, Catulo Branco, Cyro de Moraes Campos, Osório César, Jamil Almansur Hadad, Mauro de Alencar, Dello Miranda, Antônio Vieira e outros.

canto do manifesto

LIGIA MENDES

Nove passaros em revoada
percorrem todo o Brasil.
Nas asas ligeiras levam
anuncios de liberdade
e enquanto voam gorgelham
um canto novo e profundo
que todos nós entendemos.

Camponês, ó camponês!
Recupera a tua terra!
Ela senhor não tem
que possa mais explorar
o suor de teu rosto.
Não mais a meia nem terça
toda a terra pra quem planta
toda a colheita a quem semeia.

Percorrem todo o Brasil
nove passaros cantando.
Alegrai-vos meus irmãos
o manifesto é bandeira!

Mulheres de minha terra
entoemos alegres hinos!
Os dias já não são tristes
nem as noites densa treva
por que já bem perto brilham
nove fontes de luz.

Percorrem todo o Brasil
nove passaros cantando.
Alegrai-vos meus irmãos
o manifesto é bandeira!

Operario, quantas horas
quantas horas tem o dia?
Acaso a onda no mar
não volta inteira pro mar?
Por que de tua produção
só a fome te pertence?

O sol abrandando seus raios
a lua é mais alta e branca,
para ouvir o novo canto
até as plantas se calam.
A brisa sussurra ao vento
que leva aos escravizados
os ecos do manifesto.

Nove passaros em revoada
percorrem norte e sul.
Seu canto é soma de anseios,
é sol que madura o fruto
de nossa luta fecunda,
é vida, é paz, é esperança!

Ameaça à inteligência brasileira

M. TULMANN NETO

A forma pela qual o patronato da imprensa do país está mais uma vez combatendo o projeto de aumento de salários para os jornalistas profissionais em curso no Congresso Nacional — não nos surpreende. A questão, do âmbito restrito da classe, foi colocada na plenitude do "artigo de fundo". Tal a aflição dos donos dos grandes jornais. E é por isso mesmo que temos o direito de chamar, igualmente, a atenção de todos os intelectuais decentes de nossa terra, todos os democratas, patriotas e elementos progressista para os aspectos importantes da questão.

Em primeiro lugar, devemos informar que até o ano de 1938, não constituímos, sequer, uma profissão definida. Éramos um agrupamento amorfo de quase fracassados nas demais atividades, a lutar desesperadamente por um "bico" nas redações, a fim de conseguir melhor oportunidade de trabalho. Daí, então, o grande número de elementos sujeitos a toda espécie de subornos ou "picaretagem" miúda. Essas chagas não poderão ser escondidas, para se compreender melhor o quadro da situação geral da classe.

Os próprios proprietários — pagando misaráveis salários ou felicitando apresentações aos políticos com o objetivo de conseguir empregos públicos — davam o exemplo maior de corrupção. No palco de suas empresas, a sua consciência ou a sua opinião vendia-se com a mesma rapidez das folhas soltas de suas publicações. Foi somente em 1944, através de um decreto-lei do então ditador, que se fixaram os níveis mínimos de remuneração para os jornalistas profissionais. Foi, inquestionavelmente, a primeira tentativa de salário profissional, embora os professores já tivessem, há anos, benefício idêntico.

Três anos após, através de um projeto de lei apresentado pelo Sr. Café Filho, pretendeu a classe reestruturar os níveis dos salários e das funções. A pressão feita contra o Sr. Dutra, que ocupava a presidência da República, redundou no veto à proposição. Recordar-se-á, então, a tremenda gritaria formulada pelos proprietários dos grandes jornais. O Sr. Café era tratado como um cripto-comunista dos mais vulgares e tenebrosos. Os senadores e deputados estavam sendo arrastados à rua da amargura, de tal forma que até o Sr. Plínio Barreto, teve de sair em sua defesa.

O projeto vem de ser renovado na Câmara dos Deputados.

Fé-lo a própria classe, através de trabalho aprovado no IV Congresso Nacional de Jornalistas, realizado em maio, no Recife. Primeiro, em São Paulo, e depois na capital da República, os órgãos mais categorizados da "imprensa sadia" passaram a ulular contra o aumento de salários.

Essa é a notícia sobre o caso. Façamos, agora, a sua análise. A tentativa de valorização do trabalho jornalístico é a mais séria experiência que se tenta no campo das atividades intelectuais, em nossa terra. Graças à arregimentação sindical ou associativa, os jornalistas têm podido pelo menos pleitear reivindicações concretas. Esbarram, porém, no reacionarismo mais inconcebível do patronato, ávido de lucros extraordinários para o levantamento de suas mansões senhoriais. Não é por acaso que, na maioria dos países dos jornais, o imperialismo anglo-americano encontra a sua melhor "cabega-de-ponte" no Brasil. Formando um autêntico monopólio no serviço de informações, eles se entregaram de pés e mãos amarrados aos aventureiros e belicista de Wall Street. Passaram a receber vultosa propinas, através da publicidade dos grandes trustes. E passaram a escorchar o povo com a elevação indiscriminada do preço dos exemplares na venda avulsa, até 1.000 por cento, de 1939 para cá. A orientação patronal, naturalmente inspirada pelos seus amos imperialistas, está contida numa circular secreta do Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas, e publicada inadvertidamente pelo "Estado de São Paulo", em 3 de julho deste ano. Nesse documento, toda a legislação trabalhista nacional é rudemente ata-

cada, insinuando-se claramente que todas as reivindicações dos trabalhadores devem ser sonegadas do noticiário. Temos, ainda, conhecimento de que a mesma entidade já adotou um "programa mínimo" de cinco pontos para combater o projeto: 1º — proibição do noticiário sobre o projeto; 2º — Despedida sumária dos elementos que mais se destacarem na campanha do aumento ou que tenham participado do Congresso de Recife (na "Hora" já foram despedidos cinco ou seis jornalistas e nas "folhas" uns dez); 3º — Cinco tópicos mensais contra o projeto; 4º — pressão pessoal junto aos deputados e senadores para não votarem o projeto, indo das ameaças veladas até as injúrias pessoais; 5º — pressão pessoal junto ao Sr. Getúlio Vargas, para não sancionar a lei.

Esse plano compreende a utilização das determinações da Conferência dos Chanceleres, no sentido do uso do anticomunismo como arma principal de ataques ao projeto e, de ora em diante, a todas as reivindicações trabalhistas, que se debatem em meio das mais incríveis carestias de vida, em virtude da política armamentista das potências imperialistas, fomentada pelos desesperados fabricantes de guerras.

Está claro, portanto, que atrás do combate à melhoria de nível de vida dos jornalistas e dos demais trabalhadores, esconde-se a mais deslavada política de afronta à paz, de recusa ao progresso material e cultural de todo o nosso povo, de tentativa desesperada de impedir a libertação nacional. L

Não há espetáculo igual à voracidade dos proprietários de jornais. No ano de 1949, encontramos a cifra de Cr\$. 1.099.430.158,00 como o total de parte de matéria paga distribuída pelas grandes empresas de publicidade aos jornais, revistas e rádio. Este numerário é um por cento do total da produção industrial no mesmo período, que foi de 123.734 milhões, ou um por trinta de todo o dinheiro em circulação no país.

Outro aspecto curioso na questão é a presença de figuras desmoralizadas no mundo intelectual para combater o projeto. O Sr. Menotti Del Picchia, que foi eleito deputado pelo P.T.B., é o presidente do Sindicato das Empresas Proprietárias de jornais e Revistas do Estado de São Paulo, que tem atacado ferozmente o aumento de salários. No Rio de Janeiro, aparece o tipo desclassificado de um renegado, como um Carlos Lacerda qualquer, que tem por lema, a traição e se apresenta hoje como líder católico depois de ter sido lambe-botas do Sr. Valentim Bouças, e outros agentes do imperialismo yanque. Esses dois símbolos mostram, sem comentários, a classe dos escribas arrebanhados para a obra nefanda de destruir a justa aspiração dos jornalistas profissionais.

Que pretendem com isso? Antes de mais nada, continuar a manter num clima de subalimentação os jornalistas, tanto como os demais trabalhadores, para mais facilmente auferir lucros indiscriminados, e continuar a manter uma total dominação sobre qualquer veleidade de aperfeiçoamento cultural de uma classe aonde o povo encontra tantos de seus filhos valorosos, lutadores conscientes da paz, da democracia, da independência política e econômica de nossa terra. Salários baixos, muito aquém dos níveis de custo de vida, é a velha química do regime capitalista.

E esse meio de exploração que constitui um dos segredos de sua dominação política moral e cultural.

Por isso mesmo, aí vemos a avalanche de insultos, de pressões contra tudo e todos, por parte dos proprietários de jornais. Felizmente, os jornalistas profissionais estão unidos contra esses arreganhos. Cabe, agora, aos escritores, aos publicistas em geral, nos ajudarem nesse combate decisivo por salários dignos e justos.

E a própria inteligência brasileira que estará ameaçada, se continuarem a vigorar os níveis desprezíveis de remuneração no jornalismo.

O REALISMO SOCIALISTA

(Adaptação resumida de um artigo de Włodzisław Sokorski, vice-ministro de Cultura e Arte da Polónia).

A arte é u'a manifestação peculiar do processo de observação da realidade. Dito em outras palavras, é uma afirmação artística da realidade objetiva que existe independentemente de nós, um reflexo criador dessa realidade em nossa mente, condicionado não só pelo simples fenómeno de observação, como pelo processo de seu conhecimento, processo esse definido pela concepção do mundo de uma classe social determinada.

Essa definição não esgota, entretanto, a concepção da arte como um fenómeno distinto da ciência e de outros setores do pensamento humano. Embora a arte tenha surgido da mesma atitude cognoscitiva do homem frente à realidade circundante como qualquer outra atividade humana, não deixa de ser u'a manifestação peculiar e particular de observação, que possui suas próprias leis de reação ante a realidade, tanto para sua apreciação como para sua situação ideológica.

Houve tempo em que esteve muito difundida a concepção de que, contrariamente à ciência, que exprime as idéias dos homens, a arte exprime seus sentimentos; que é uma atitude emotiva do homem em face do mundo que o cerca; uma imagem sensibilizada do mundo na mente do homem, imagem vivida subjetivamente, sendo em última instância uma reação emocional do homem frente à beleza ou a fealdade, ou uma forma comunicativa de sua atitude emocional ante a realidade social. Ainda que esta concepção contenha definições e afirmações justas, é no entanto, errônea em sua maneira de apresentar, por estar incompleta sua definição e por haver deixado de lado o aspecto ideológico da arte.

A arte é uma expressão emocional dos fenómenos exteriores; é de carácter indiscutivelmente subjetivo. Sem esses elementos não existem manifestações artísticas, mas na base da expressão

artística, como em toda atividade humana encontra-se o pensamento cognoscitivo do homem, o pensamento como fenómeno social. A arte é, portanto, u'a manifestação artística de determinada atitude do homem frente a realidade, determinada pela época, pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas e o estado das relações sociais. A arte exprime, pois, os sentimentos humanos, o aspecto humano da expressão emocional e em grande medida o alcance subjetivo dessa vida; mas ao mesmo tempo surge — o que acontece com outra qualquer atividade — da atitude cognoscitiva do homem frente a realidade. Por esse motivo é também um produto do pensamento.

CIÊNCIA E ARTE

Contrariamente à ciência, cujas deduções emanadas da experiência concreta possuem um aspecto de pensamento abstrato e são expressão típica do pensamento conceptual; a base, o ponto de partida da observação artística é a imagem. A reprodução da imagem no cérebro do homem constitui sempre para o artista uma premissa para alcançar a síntese subjetiva e para a dedução de dita imagem dos fenómenos típicos que compõem a síntese criadora.

Esta tendência para a síntese situa a ciência e a arte num mesmo plano. A arte, no entanto, não se converte em manifestação do pensamento puramente conceptual, diferenciando-se da ciência precisamente porque permanece sempre como imagem da realidade; isso acontece, mesmo em se tratando da síntese mais avançada — o sentido de projeção da arte é conseguido através da imagem — literária, musical ou plástica. Onde termina a imagem, termina a arte e começa o tratado científico, a declaração ideológica ou o sistema científico. A arte sendo em sua essência também uma síntese conceptual peculiar, não existe fora da imagem.

«Creio — dizia em suas «Cartas» Plerránov — que a arte começa quando o homem reproduz dentro de si os sentimentos e pensamentos que sentiu

sob a influência da realidade ambiente e os exprime com ajuda de determinadas imagens. Daí se compreende que na grande maioria dos casos o faz para transmitir a outros homens o que pensou e sentiu. A arte é, portanto, ao mesmo tempo um fenómeno social».

Desta forma, chegamos ao intento de definir a concepção de arte.

A arte — como fenómeno social — é uma expressão do processo cognoscitivo do pensamento do homem, expressado com ajuda da imagem. É uma expressão da realidade, tanto na ordem ideológica como emocional, através da reprodução de sua imagem em nosso cérebro.

Tanto maior é a medida em que uma obra de arte constitui uma síntese criadora da imagem da realidade e tanto maior seja o grau em que a realidade liberta a idéia, o pensamento do autor, com tanto maior razão se pode falar do valor objetivo da obra de arte. Ao mesmo tempo a afirmação artística da realidade pode referir-se quer aos fenómenos de beleza quer aos de fealdade; tanto a um detalhe como constituir uma síntese. Deve, entretanto, ir além dos limites de uma simples reprodução especular ou fotográfica para converter-se em obra de arte. A obra de arte é um processo de pensamento, cognoscibilidade, expressão e síntese. Um processo encerrado em uma imagem. Um processo que extrai as características típicas de um fenómeno determinado, isto é, configura imagens aproximadas ao máximo da verdade objetiva.

«Pintar belamente um ancião com barba — diz Plerránov em sua obra «A arte e a vida social» — não significa pintar um belo ancião. O domínio da arte é muito mais amplo que o domínio do «belo». Em todo esse amplo domínio é possível empregar com igual comodidade o critério por mim indicado: uma obra é bela quando sua forma corresponde a sua idéia.»

Desenvolvendo esta definição de Plerránov, podemos acrescentar que a idéia da obra é arte, idéia condicionada social e historicamente encontra na imagem da arte sua materialização

E A CRIAÇÃO ARTISTICA

artística. Quanto mais perfeita em sua verdade realista e em seu aspecto formal é esta materialização, tanto mais universal é o valor da obra de arte, seu valor objetivo.

O conhecimento artístico é um processo de pensamento, é o resultado do esforço do homem para apreender a verdade realmente existente; é pois um processo de transição gradual desde a cópia naturalista dos detalhes até a síntese.

Essa a razão porque Lênin apresenta o processo do conhecimento artístico como um elemento integrante de todo o conhecimento, como um movimento ininterrupto do fenômeno do pensamento, que nos aproxima do conhecimento real e nos dá a possibilidade de alcançar na obra humana a verdade absoluta do objeto em uma imagem artística.

Só então tal movimento constitui um fenômeno progressista que nos aproxima da verdade objetiva quando aceita como ponto de partida a existência de um mundo real e objetivo como elemento de sua expressão artística; e somente no caso em que aceita o aspecto subjetivo como uma «impressão» do mundo que existe objetivamente. Caso contrário, o processo do pensamento artístico se converte em um fenômeno retrógrado, que nos afasta do conhecimento das leis da natureza e da realidade social; em um processo que deforma a imagem da realidade, que esquematiza nossas experiências em uma tácita convenção formal, incapaz de materializar a unidade da idéia e da forma artística em determinada obra de arte.

«Tomando como ponto de partida as impressões — disse Lênin — é possível seguir ou a linha do subjetivismo que conduz ao solipsismo (os corpos constituem complexos ou combinações de impressões) ou a linha do objetivismo que leva ao materialismo (as impressões são imagens do mundo exterior)».

Dêsse modo, a posição cognoscitiva do homem, objetivamente materialista ou subjetivamente idealista define sempre sua atitude ante suas impressões, que compõem a imagem da realidade em nosso cérebro, constituindo, por-

tanto, uma premissa do pensamento materialista ou idealista de todo sistema filosófico. Por sua vez, a posição filosófica define a atitude do homem em face da obra de arte e do fenômeno mesmo da arte.

Aos objetivos básicos da história da arte como ciência, corresponde, assim, a investigação dos fenômenos da arte no campo da luta entre a corrente realista, expressão da afirmação artística da realidade existente e de sua configuração criadora — e a corrente anti-realista que inverte o processo do conhecimento do mundo objetivo (a idéia na base do conhecimento e desenvolvimento da história do homem), que reduz a função da arte ao problema da forma.

Se estudarmos mais a fundo a luta destas duas posições, não nos será difícil perceber que a corrente realista floresceu alimentada sempre pela corrente progressista na história das sociedades humanas, enquanto a tendência anti-realista, com todas suas ramificações formalistas, acompanhou sempre os períodos de decadência.

A classe social que decidia as contradições do desenvolvimento sobre uma base econômica e social cada vez mais elevada e perfeita se distinguia em princípio por uma paixão de conhecimento e configurava sua arte sobre a base de uma atitude realista frente a realidade. Configurava uma arte que se distinguia por seu humanismo, seu interesse pelo homem, a riqueza de formas da vida artística e por seus traços individuais na procura da síntese da verdade objetiva. Em troca, a classe social que defendia seus privilégios, ameaçada pelo desenvolvimento de novas relações sociais, esforçava-se por fugir do inflexível veredicto da realidade e por subtrair a atenção dos homens de seu conhecimento. A arte das classes decadentes agonizava gradativamente em um tácito esquema formalista, simbolizando em suas obras idéias cômodas para a classe governante e apresentando-as como uma manifestação de força irracional, ultraterrena, como um suposto impulso interior ou uma imanente forma pela forma, um peculiar sinal de determi-

nada emoção ou vida artística, incompreensível para os artistas.

Vê-se, pois, que a tarefa principal dos historiadores de arte consiste no grande trabalho de investigação deste processo de configuração de duas correntes básicas na arte, que também constituem a premissa indispensável para a compreensão da luta entre a arte do realismo socialista e a arte decadente do imperialismo.

O formalismo, o cosmopolitismo e suas raízes filosóficas

O sétimo decênio do século XIX, iluminado pela Comuna de Paris é o decênio em que se esgotaram as forças criadoras do capitalismo. A burguesia percebera a existência das forças que iriam sepultá-la. Desde aquele instante, a burguesia viu-se obrigada a abandonar suas posições de conhecimento pelas de autoconservação, ou posições que se destinavam a freiar os fenômenos do progresso. Os filósofos e pensadores do capitalismo começaram a perder seu interesse na investigação das relações humanas. Iniciou-se o período de distanciamento do homem e de sua realidade. Venceu a posição de negação das possibilidades cognoscitivas da inteligência do homem.

O relativo filosófico (a concepção da realidade de tudo o que existe) a meio à percepção dos fenômenos em seu processo de movimento e considerado como pedra angular de toda a concepção do mundo, converte-se na filosofia oficial da burguesia agonizante. Desde os empirio-criticistas, Mach e Avenarius — que aceitavam como premissa do conhecimento, não o mundo real, objetivo, mas nossa impressão subjetiva como a única verdade cognoscível, através de Bergson e Husserl com sua teoria da fenomenologia que considerava o juízo subjetivo como único e definitivo sistema de investigação de um mundo incognoscível — até os existencialistas que proclamam a existência solitária do homem, cuja impressão subjetiva e intuição são o princípio e o fim de uma existência encerrada em si mesma, tudo isto surge da mesma posição filo-

séfica em cuja base se encontra a dúvida, o medo, a repulsa ao conhecimento da verdade objetiva e o intento desesperado de fugir — ante a era do socialismo que avança — para uma esfera de mistificação irracional com um mundo próprio de farrapos subjetivos. E' evidente que é preciso distinguir o fenômeno do nem sempre consciente «perder-se» filosófico dos artistas, sua fuga do mundo capitalista para a noite niilista da dúvida — da ativa e cínica política dos porta-vozes do imperialismo e do fascismo, que com suas teorias de embuste apresentadas cada vez com um nome diferente, procuram criar em seus povos a trágica convicção da catastrófica fatalidade do destino do homem, a inevitabilidade da guerra, a exploração e a impotência da inteligência humana, a fim de aplicar às sociedades humanas sobre esse fundo de dúvida e de desespero o argumento da força e do terror fascista como única salvação e solução. Não é por casualidade que os refinados estetas do «fim da noite» — Céline, Gide, Malraux, Sartre e Orwell — terminem cantando loas ao fascismo e à guerra, e a miúde a vulgar colaboracionismo.

A literatura transferiu, antes de tudo, seu interesse para as decadentes especulações psicanalíticas, desvinculadas do mundo objetivo. Libertou estados patológicos e o malsão deambular em torno de si mesmo; a concepção catastrófica do mundo, o ódio pelo homem, o direito cósmico ao crime, a degeneração e a unificação cosmopolita dos cidadãos do mundo, perdidos em sua própria dúvida e impotência.

Naturalmente, este processo adquire em diferentes decênios um grau de intensidade diferente e diversas formas de soluções formais. A decomposição do regime intensifica cada vez mais a decomposição das concepções estéticas da burguesia. Eis alguns traços característicos da arte burguesa no período do imperialismo: a imagem e a frase musical encaradas como combinação abstrata; as tentativas de desintegrar a linguagem artística em elementos desconexos; a ênfase do absurdo; o esnobismo da ignorância; a ofensiva da banalidade cosmopolita; o desprezo pelo leitor; o divórcio entre a arte e o povo; a homenagem à superstição e a estupidez intuitiva como bandeira do futuro; o «abstracionismo» na pintura, a música dodecafônica, a balbúcie dadaísta, etc.

Toda classe que desaparece da arena da história encontra-se em contradição com os interesses de seu povo. Este,

sob o ponto de vista histórico, não é uniforme. Está dividido em classes, e também sua cultura é de classe. Em determinadas condições, entretanto, as linhas da cultura nacional são traçadas pela classe dominante frente a qual se antepõe cada vez mais uma cultura nova e socialmente oposta, — da classe oprimida. E' por isso que no momento em que o desenvolvimento social impõe como vencedor uma classe nova, esta não só destrói as velhas concepções ideológico-artísticas, mas vai em busca da histórica herança cultural de seu povo, tornando sua a tradição progressista e rechaçando o decadentismo da época de declínio.

O realismo socialista como método criador

A premissa filosófica do realismo socialista está contida na tese de Lênin de que a «consciência humana constitui um reflexo da realidade circundante». A arte do realismo socialista é um método criador que se baseia na atitude cognoscitiva frente aos fenômenos do mundo.

O objeto da criação artística é o mundo real e a existência social. O realismo socialista, ao contrário do realismo crítico, não só reproduz «o conhecido» e leva a termo uma análise crítica, não só interpreta o mundo, mas partindo das observações sintetizadas que analisam os fenômenos em seu devenir e desenvolvimento, confere ao fenômeno artístico um sentido ideológico.

O realismo socialista parte, pois, do princípio de unidade do conteúdo e da forma, ou seja, unidade da idéia e da capacidade criadora do artista a serviço de determinada idéia.

E' evidente que a concepção materialista do mundo parte do princípio dos meios de expressão realistas. Ao basear-se na cognoscibilidade objetiva da verdade do fenômeno, não é possível interpretar o mundo real sob forma irracional-abstrata, mas somente convertendo a expressão artística em uma forma concordante com um mundo configurado real e objetivamente. Não se trata de uma cópia naturalista surgida da observação superficial de um detalhe, mas da imagem vivida individualmente e meditada ideologicamente na base da qual deduzimos as características típicas, e por tanto universais de um fenômeno.

E' por isso que o realismo socialista, ao revalorizar de forma criadora toda a grande herança das escolas realistas

do passado torna seus, os princípios básicos da linguagem artística realista, enriquecendo-a e dando novo passo adiante. Este passo à frente se resume no princípio de perceber os fenômenos em seu desenvolvimento, em seu devenir, desde a observação quantitativa até a qualitativa, desde a fragmentária até a sintetizada, desde a observação analítica até a síntese ideológica do fenômeno. O realismo socialista arma, portanto, o artista com o método de pensamento do setor mais avançado do povo — a classe operária; dá-lhe uma perspectiva de percepção inacessível até agora a qualquer artista de épocas passadas.

Assim como o materialismo dialético representou um passo à frente, um salto qualitativo em relação ao materialismo do iluminismo, o realismo socialista é por seu turno um salto qualitativo à frente em relação ao realismo crítico, constituindo não só a superação classista, como ensinando os artistas a perceber os fenômenos em seu devenir, em movimento, permitindo-lhe alcançar a síntese típica da corrente de desenvolvimento de nossa época.

A arte é um instrumento de influência de massas de um alcance inigualado até o presente, mas só poderá cumprir essa função quando a prática criadora do artista seja confrontada incessantemente com a síntese teórica dos historiadores e críticos de arte.

Todo progresso exige a aferição incessante da teoria e da prática e uma permanente transição da prática à síntese teórica. Só assim, poderão os artistas, por uma parte corrigir seus erros, e por outra, fazer um balanço de suas conquistas.

A arte é, portanto, um fator de orientação do homem, não só no caminho da configuração de uma imagem positiva do mundo socialista, como também quanto à solução em cada um dos homens da luta ideológica do mundo novo contra o velho.

O problema da luta pela arte do realismo socialista é um problema da luta por um novo conteúdo, expressado por meio da linguagem artística realista, cujos princípios básicos alcançaram magnífico desenvolvimento na época do Renascimento, aperfeiçoaram-se na do Iluminismo e no século XIX, e continuam aperfeiçoando-se hoje na época do socialismo, servindo aos fins de uma época nova, baseando-se em um novo e mais perfeito método criador.

(Tradução de E. Sucupira Filho)

Cresce a dominação imperialista sobre a indústria brasileira

MOACIR PAIXÃO

Não há porque recear a afirmativa de que aumenta e se amplia a indústria instalada no país. Mas não podemos concordar com os analistas burgueses que tomam valores inflacionados para manifestar entusiasmo sobre aquilo que chamam de surto industrial.

Os valores geralmente tomados — acusando um vertiginoso aumento dos valores da produção industrial, de 15 bilhões de cruzeiros, em 1939, para 85 bilhões em 1949 — são meramente nominais e não podem inspirar confiança como elemento de observação; na realidade são valores fabricados à própria conta dos técnicos da industrialização nacional.

Nos últimos 30 anos, o número de fábricas aumentou de 60 mil. O operariado industrial que em 1920 era de 293 mil, atingia em 1949 a 1.600 mil. Reduzimos as importações de manufaturas, que em grande parte foram substituídas por bens aqui mesmo fabricados.

Isso mostra o aumento e a ampliação da indústria, o que não deve ser tomado, contudo, como a industrialização do país, de que tanto falam os porta-vozes da burguesia. O fundamento da industrialização está na criação da indústria pesada e particularmente na produção dos meios capazes de modificar o atraso técnico do país.

Não temos ainda uma indústria produtora de máquinas e equipamentos industriais. Que indústrias pesadas surgiram? Volta Redonda, por exemplo, sempre considerada com otimismo, vive principalmente de carvão estrangeiro, quer dizer, é uma siderurgia amarrada ao truste internacional do carvão. Surgiram grandes empresas de artefatos de borracha, a Pirelli (subsidiária da General Electric), a Firestone Rubber Co. a Good Year, braços de poderosos monopólios ianques. As fábricas de cimento pertencem a grupos de estrangeiros. Surgiram grandes empresas metalúrgicas às mãos da General Motors e da Westinghouse.

As indústrias de papel, de produtos químicos, etc., que vieram se formando nestes últimos anos sempre são subsidiárias de grupos imperialistas particularmente de grupos norte-americanos.

Assim, ao avanço da indústria, à ampliação do parque industrial do país, corresponde a maior penetração do imperialismo e o reforçamento de sua dominação sobre a economia nacional. Quer dizer, o desenvolvimento verificado, além de não possuir um caráter progressista, porque as novas indústrias reforçam a nossa condição de semi-colônia, leva a um agravamento da situação econômica do país, a liquidação dos nossos restos de independência em frente ao capital financeiro de Wall Street.

PAIS DE AMPLOS RECURSOS, MAS POBRE

Quanto a disponibilidade de certos recursos essenciais ao desenvolvimento industrial e da riqueza nacional, somos um dos povos mais bem servidos do mundo. Dispomos da 3.ª reserva mundial de energia hidráulica (avaliação de cachoeiras). Temos as maiores reservas de minério de ferro e manganês do mundo, minério de teor elevadíssimo e fácil aproveitamento, localizadas sobretudo em Minas Gerais, Espírito Santo, Mato Grosso e Amazônia. Ainda se classificam entre as maiores do

mundo as nossas jazidas de cristal de rocha, mica, urânio, tungstênio, titânio, alumínio, níquel e dos principais minerais radioativos como as areias monazíticas. Sobre a importância das nossas jazidas de petróleo, os antigos slogans do imperialismo caíram por terra.

Que existe, afinal, impedindo a utilização normal das riquezas potenciais do país? Que forças entravam a livre expansão e modernização da economia nacional se ao nível das necessidades do povo? Por que, dentro de um mundo de riquezas minerais, vegetais e animais, somos um povo pobre e uma economia em etapa atrasada? Isso se explica quando olhamos a estrutura da economia nacional, o seu funcionamento as mãos dos monopólios. A realidade é que os setores fundamentais da economia nacional, o seu inteiramente em poder ou sob o controle direto do imperialismo, particularmente dos trusts norte-americanos. A ação do imperialismo vai desde a posse das fontes de matérias primas-chaves, como o ferro, o manganês ou os combustíveis atômicos, até o monopólio do comércio exterior a apropriação dos serviços públicos concedidos de energia gás, telefones e transportes urbanos, o domínio dos ramos industriais mais importantes.

DOMINIO DA INDUSTRIA PRIMARIA MINERAL

Em cada ramo destacado da economia nacional aparece instalado um truste poderoso, em posição monopolista. Nos últimos anos, essa situação se tornou mais clara e definida. No ramo das indústrias primárias de origem mineral, p. ex. aparecem os grandes grupos financeiros internacionais, os Morgans, os Rockefellers, os Duponts e todos os grandes capitães do imperialismo.

É a United State Steel pelas suas subsidiárias a Cia. Meridional de Mineração e a SOBRAMIL (esta do grupo Jafet-Chama), dominando e explorando grandes jazidas de ferro em Minas Gerais e as reservas de manganês de Urucum, em Mato Grosso. É a Bethlehem Steel com sua testa-de ferro a Indústria e Comércio de Minério S. A., monopolizando a exploração e os negócios com o manganês da terra ao navio, no Território do Amapá. É a Dupont de Nemour, associada à Imperial Chemical operando através da Duerial, e dominando o setor dos minerais atômicos (areias-monazíticas, urânio etc.), e atuando como sabotadora no sentido de impedir a instalação no país de uma indústria de álcalis (soda cáustica e barrilha), que seria sua concorrente no mercado nacional. A Companhia Nacional de Alcalis, empresa para-estatal instalada durante a última guerra, fracassou totalmente devido à corrupção desencadeada pelo truste europeu americano da indústria química.

O PROBLEMA DO PETROLEO

É demais cohecida a questão do petróleo. Durante muitos anos, era tachado de charlatão, como foi Lobato, quem falava da ocorrência de petróleo no Brasil. Os grandes monopólios petrolíferos particularmente a Standard Oil, financiaram a convicção de que não dispunhamos desse combustível, inclusive entre os governos.

Como se explica essa posição dos trusts

do petróleo? O caso é dos mais simples. A produção nacional de petróleo não vai além de 60 mil toneladas, enquanto o consumo nacional desse produto e seus derivados eleva-se a mais de 4 milhões de toneladas. Essa forte-importação de petróleo, que nos suga anualmente quase 3 milhões de cruzeiros, é feita pela Standard Oil Company of Brazil, The Caloric Company, The Texas Company, todas do grupo Standard Oil Company — New Jersey, e pela Atlantic Refining Company of Brazil e Shell Mex Brazil Limited (grupo anglo-holandês). Pertencem desde a importação do produto até a venda retalhada, em regime de monopólio, em todo o país.

MONOPOLIO DA ENERGIA ELETRICA

Dois grupos imperialistas gigantesco — a Brazilian Tracção Light and Power, HOLDING ligado, ao que se indica, à International Telegraph and Telephone (das cadeias do Banco Morgan), e a Electric Bond and Share, pelas suas 17 subsidiárias instaladas no país — dominam quase integralmente o ramo de geração e distribuição de energia elétrica. Para uma potência de 1.700 mil Kw, que é a média dos 3 últimos anos cerca de 1.500 mil Kw pertencem a esses dois poderosos monopólios. Somente a Light vende, presentemente, no Rio e São Paulo, mais de 68% da energia consumida no país.

Essa posição monopolista da Light e da Bond Share, no mercado de energia, corresponde a um controle por elas exercido sobre toda a indústria do Brasil. Os dois trusts realmente, têm enormes responsabilidades no atraso técnico do nosso parque manufatureiro, sabendo-se que o volume de energia posto à disposição do homem americano ou canadense é quase 25 vezes superior ao volume utilizado pelo brasileiro.

OUTRAS RAIZES NA ECONOMIA NACIONAL

No setor da indústrias de carne dominam os frigoríficos Anglo, Armour, Swift e Wilson. Presentemente passaram esses grupos estrangeiros a exercer um controle completo sobre a própria pecuária nacional mantendo nas suas mãos grandes campos de cria e invernadas para engorda de reses, principalmente em Goiás S. Paulo e Minas Gerais.

O truste Bung & Born, operando através do Moinho Fluminense, do Moinho Santista, do Moinho Inglês, dos Moinhos Riograndenses, do Moinho da Bahia e outros testas-de-ferro menores, barcam cerca de 85% da indústria de moagem e distribuição de produção à base de trigo.

Na indústria farmacêutica (Sidney Ross, Lilly, Scott Browne, Squibb etc.), na indústria metalúrgica, mecânica e de aparelhos elétricos (General Electric, General Motors Westinghouse Electric, International Business Machines, Ford, etc., no setor bancário (The National City Bank of Boston etc.), do fumo (Turkish Tobacco), através da Sousa Cruz, dos transportes marítimos e comunicações telegráficas (Moore Mc Cornak, Delta Line, American Telegraph and Telephone, All America Cables etc.), em toda parte aparecem poderosos grupos financeiros imperialistas, em posição monopolista na produção e no mercado interno.

OS CAPITAIS ESTRANGEIROS

Somos um país economicamente amarrado às correntes do capital estrangeiro que aqui operam. Embora os porta-vozes do imperialismo falem muito na "missão civilizadora" desses capitais, os fatos se encarregam de provar os imensos prejuízos que eles nos causam.

Em 1947, segundo dados da Fiscalização Bancária e as demais avaliações oficiais do montante de capitais estrangeiros aplicados no país, eles assim se representavam:

Em milhões de cruzeiros

Capitais americanos	8.820
" canadenses	4.010
" ingleses	3.040
" diversos	3.000

Não se pense que esses 19 bilhões de cruzeiros — quase o mesmo montante da receita da União, num ano — constituam na realidade "capitais estrangeiros". Na sua maior parte, eles são lucros acumulados e reinvestidos, lucros arrancados das costas do povo e do proletariado.

Neste particular, a Light, é um magnífico ensinamento. Utilizando os próprios balanços da empresa sabemos que ela dispõe hoje de um patrimônio poderoso, com seus ativos imobilizado e realizado somando mais de 3 bilhões de cruzeiros. Entretanto a Light nunca apelou para os mercados de capitais do exterior (salvo recentemente, com o empréstimo no Banco Internacional), e os capitais estrangeiros com que ela entrou no Brasil, há mais de 30 anos, não chegavam a 40 milhões de cruzeiros. Quer dizer, seu patrimônio valioso constitui na verdade capital nacional arrancado na forma de lucros, em cada ano.

Assim, a missão civilizadora do imperialismo, em verdade, é uma missão de exploração das forças da economia nacional. Anualmente as empresas estrangeiras remetem para o exterior somas imensas, que atingem aproximadamente a 5 bilhões de cruzeiros (inclusive fretes pagos às companhias estrangeiras), extraídas do trabalho e da miséria do nosso povo.

A INVESTIDA MAIS RECENTE

Nos últimos meses, novos fatos demonstram o desejo do imperialismo em reforçar suas posições de domínio nos quadros da economia nacional, particularmente dentro da indústria. A Ford em São Paulo, vem levantando suas novas instalações, estimadas em 200 milhões de cruzeiros, para montagem de carros Ford, Mercury, etc. A General Elétric também amplia suas instalações, dando novo impulso às suas atividades de montagem de motores e equipamentos elétricos. Outras empresas estrangeiras, sobretudo norte-americanas, instalam indústrias subsidiárias, (de montagem, concertos, etc.) do parque fabril de Wall Street.

Às vezes o imperialismo é forçado a trazer para o Brasil, e aqui instalar, fábricas integrais para garantir melhor o domínio do nosso mercado ou contornar dificuldades cambiais. Agora mesmo, a empresa Otis está instalando em São Paulo, uma grande fábrica de elevadores, fábrica não só de montagem, mas em condições de preparar aqui mesmo as diversas peças do conjunto indústrias de vidro, de aparelhos elétricos, passam a existir com relativa autonomia quanto à sua capacidade industrial de elaboração e acabamento de manufatura. Somente que são indústrias não "nacionais", mas estrangeiras presas ao capital financeiro internacional. Indústrias que aparecem ou morrem na medida dos interesses do imperialismo.

Livros e Revistas

PARA TODOS

A enorme expectativa em torno do aparecimento de Para Todos não excedeu o interesse do número que está em circulação, pois além do esperado artigo sobre a obra de Gilberto Freyre da autoria de Rodolfo Ghioldi, traz a grande revista carioca riquíssimo material, de crítica sobretudo, que constitui leitura obrigatória em nosso país. O trabalho de Ghioldi é modelar. Com a segurança do método que emprega e a penetração de sua inteligência Ghioldi, dissecou toda a obra impostora do falso sociólogo e define o seu caráter reacionário, mostrando de passagem a fragilidade de todas suas teses e o charlatanismo de seus métodos.

Com muita oportunidade, lembra Para Todos neste número o 2.º centenário, da Enciclopédia Francesa, reproduzindo textos de Diderot, e estampando um magnífico artigo de Astrogildo Pereira sobre o significado do enciclopédismo. Alvaro Moreyra assina uma crônica inteligente e humana sobre Voltaire. Os poetas comparecem em grande estilo: Carrera Guerra com um belo estudo de Neruda, e Raimundo Araújo com três poemas muito pessoais no estilo e na feitura, mas da melhor inspiração social. Variado noticiário e notas completam o excelente número.

HORIZONTE

Com o feito gráfico primoroso que a recomenda à primeira vista como uma publicação de características, novas em nosso meio, circula em São Paulo, no momento, o n.º 7 da revista Horizonte de Porto Alegre. A vitoriosa revista gaúcha, dirigida pela admirável poetisa Lila Ripoli Guedes, conta com a colaboração do que de melhor existe na intelectualidade de vanguarda do Rio Grande do Sul. Em seus números anteriores, todos de elevado nível, têm colaborado escritores como Floriano Gonçalves, Alina Paim, Dalcídio Jurandir, Osvaldo Peralva, além da plêiade brilhante do roman-

cistas, contistas, críticos e poetas gaúchos como Plínio Cabral, Ciro Martins, Laci Osório, Fernando Guedes, Pinheiro Machado, Demétrio Dutra e tantos outros, cujos trabalhos aparecem em números cada vez mais aprimorados do ponto de vista da ilustração gráfica, entregue a artistas como Vasco Prado, Carlos Schiar. Horizonte é uma revista combatente, voltada para os grandes problemas da cultura brasileira, para a defesa dos interesses nacionais, uma revista nacional portanto; mas nem por isso deixa de refletir o que de melhor existe no Rio Grande do Sul, em especial na tradição literária gaúcha, tão rica e vigorosa, tão colorida na linguagem.

No número 7 destacam-se artigos de Plínio Cabral sobre a participação do escritor brasileiro nas lutas de nosso povo, de Manuel Luis, de Fernando Guedes, de Nelson de Souza, sobre arquitetura, afóra trabalhos assinados por Neruda, Ilya Ehrenburgo, Howard Fast, Chostakovitch e outros grandes nomes da literatura mundial.

A magnífica revista gaúcha tem sua redação na Rua Marechal Floriano, 504, apt. 2, em Porto Alegre. Fundamentos terá grande prazer em ser intermediária de quaisquer pedidos de informações ou de assinaturas de Horizonte.

REFLEXO

Acaba de sair mais um número desta revista mensal da juventude israelita brasileira dirigida por um grupo de jovens que honram as tradições de luta da mocidade do nosso país. A capa de "O Reflexo" é a reprodução de um cartaz referente ao III Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes Pela Paz, que acaba de reunir-se em Berlim. Entre as matérias publicadas, destacamos a entrevista com Pancetti, por I. Zeitel; "O Idich à Luz dos Estudos Linguísticos Marxistas"; "A Presença da Música na Poesia Brasileira", de Henrique Katz; "Herbert Cukurs Processa Suas Vítimas"; "Al Capp, O Genio da Sátira", por Syllas Roberg e Alvaro Moya; "Os Que Profanam Vossas Mãos", poema de Nazim Hikmet.

POEMAS DESIGUAIS

WILSON DE CARVALHO

O livro de poesias de Wilson de Carvalho agora publicado tem como qualidade principal a coragem política de abordar temas que são a luta do povo brasileiro, suas vitórias e sofrimentos, dedicando-o o autor às heroínas da classe operária Angelina Gonçalves e Zelia Magalhães. Todo o livro é dominado por um vento revolucionário que emociona e apaixona, vivendo sua poesia em função das grandes lutas atuais entre o

campo da Paz e o da guerra, entre o capitalismo agonizante e o socialismo vitorioso e ascendente no mundo.

Apesar de não haver conseguido ainda o autor uma unidade perfeita entre o conteúdo de suas poesias (grandioso e revolucionário) e sua forma ainda vacilante, seus poemas conseguem muitas vezes comover e arrebatam como em «3 de janeiro, quando o poeta diz:

Ah! poetas burgueses que acordais com o sol alto,
ah! criaturas que apenas sabeis que os operários existem
porque vos acordam, todas as manhãs,
passando, apressadamente, a caminho das fábricas,
dificilmente podeis compreender a beleza e a alegria
desta manhã úmida e fria de 3 de janeiro!»

Ou quando diz:

«Eu vos agradeço o vosso cumprimento fraternal
quando passais em frente ao meu cárcere —
até onde viestes trazer-me o calor da vossa estima,
mas eu vos asseguro:

não acrediteis na minha solidão,
pois há muita gente comigo,
desfilando por mim, neste pequenino cárcere,
noite e dia, dia e noite...»

fundamentos

C I N E M A

Joris Ivens

"Herói e campeão dos documentários"

R. NANNI

Com a simplicidade de quem é realmente grande, nos fez companhia um dia do ano passado em Paris, Joris Ivens, documentarista mundial.

De igual para igual contava-nos seus "apertos" durante as filmagens sob as bombas de Franco na Espanha dos japoneses na China, ou sob a perseguição da polícia australiana. Referiu-se também com saude ao seu amigo Eisenstein.

O grande cineasta soviético contou-lhe certa vez que durante seus trabalhos para o filme sobre o México, foi rodar algumas cenas numa grande missa campal, armada num deserto mexicano. Charles Tissé, operador de Eisenstein notou que o padre, um alemão muito bem nutrido, se retirava para trás do altar e sentando-se, levantava as saias da batina, fumava um vastíssimo charuto e rogava as piores pragas para cima do povo que o obrigava a ficar suando em bicas debaixo daquele sol tórrido, naquele país de índios...

Tissé, conseguiu filmar essas cenas que nunca chegaram a ser vistas nem pelo próprio Eisenstein, pois foram levadas para trás da "cortina de ferro" do Hays Office.

Estávamos formando um círculo em volta de Ivens, atingidos por sua enorme simpatia. Eramos estudantes de cinema, alguns brasileiros, outros franceses. Alguns lhe faziam perguntas, outros arriscavam algumas críticas aos seus filmes. Ele respondia a uns, considerava a outros, sempre com um sorriso nobre.

Não sei se sucedeu o mesmo com os meus colegas, mas eu cheguei mais tarde a constatar que tinha aprendido mais naquela noite com Ivens do que em todas as aulas de estética cinematográfica que tinha tido na escola, ou nos livros que tinha lido.

É a ausência do requinte, dos grandes ângulos ou dos grandes efeitos de luz — dizia ele — que faz do cinema uma grande arte, que o povo compreende e aceita, e que por isso mesmo ela é grande. Muitas vezes deixei cair certas tomadas com fotografia excelente, porque não encontrava uma função dentro do que procurava no filme. Exatamente o contrário do que vemos na maioria dos diretores defensores da arte pela arte.

No dia seguinte, estávamos todos ocupando uma grande fila de cadeiras na "Salle Pleyel", essa sala que tem acolhido mui-



tas das maiores noitadas que se pode esperar em Paris, desde os festivais de filmes soviéticos patrocinados pela associação France — URSS, ao grande ato público em memória da heroína da resistência francesa, Danielle Casanova morta num campo de concentração nazista, e ainda útimamente, outro grande ato público, o do Comitê pró defesa de Prestes, recém-fundado e apoiado por nomes da maior amplitude no mundo político e intelectual da França. Foi nessa noite que ouvimos Ivens falando no grande palco, no intervalo da projeção, de algumas de suas obras-primas como "Borinage", "Sugderzee", "Indonesien Calling" e o novíssimo "Primeiros Anos", espécie de trilogia sobre as novas Democracias Populares — Polônia, Tchecoslováquia e Bulgária.

"Eu tentei esta noite — disse ele — ver meus filmes como todos vocês o fizeram, colocando-me do ponto de vista do público, mas não consegui. Cada filme e os acontecimentos que ele descreve foram etapas muito reais de minha vida. Deparando com o retângulo branco da tela, eu vi surgirem homens e mulheres que trabalharam comigo nas suas cidades, nas suas casas, nas ruas, no seu trabalho. E também as pessoas que viam esses filmes na época em que eles foram feitos e que reagiram diante do que eles viam.

"O trabalho do documentarista é um trabalho coletivo. Eu penso esta noite em todos que puseram todo seu trabalho, toda sua convicção para a realização desses filmes que vemos longe. Cada membro da pequena equipe de um documentário, contribui grandemente para o resultado final. Essa equipe deve estar estreitamente li-

gada aos homens e aos acontecimentos que ela quer mostrar. Para filmar "Borinage", Henri Stork e eu vivemos inteiramente com os mineiros belgas. Na Espanha e na China, Jhon Serno e toda a equipe, tomavam parte com os combatentes nos perigos de Madrid e de Cantão.

O documentarista vive a vida quotidiana dessa gente, ele participa de suas dificuldades, de suas esperanças, ele goza da confiança do povo nos momentos essenciais de sua existência. Daí o dever dele pintar honestamente o que vê. Sente-se forçado a dizer a verdade a propósito dos acontecimentos reais de que ele é lançado na pessoa de um artista, e é relevando esse desafio que ele encontra novas formas de expressão realista.

"É impossível se trancafiar num quarto de hotel para inventar a realidade. Seus atores não têm papéis escritos especialmente para eles. Um guerrilheiro chinês que se bate pela sua vida, não tem paredes anti-ruidos em sua volta quando grita de dor. Um marinheiro indonésio, em greve para defender seu povo, pode estar a um metro de nossas câmeras, mas está a 1.500 quilômetros de sua mulher e de seus filhos. Um camponês búlgaro, filmando em 1949, é um fervoroso cidadão de seu país livre, vive um grande momento da história nacional. Não luta mais contra o agressor, luta contra a seca que não ameaça somente a sua colheita, mas o bem-estar de todo o país.

ponês Ivan Totin, quando começou a colher na Bulgária, o campo de tabaco do cam-

O ano passado filmávamos justamente ver, o que para nós era um atraso na filmagem, mas a vida para as novas plantas de tabaco. Compreendemos que o nosso trabalho seria útil na abertura de pequenos canais para correr a água e nos atiramos às enxada junto dos nossos companheiros camponeses.

Noutro lugar, aqueles que nós filmávamos, se entrosaram em nosso trabalho. Os operários da fábrica de calçados de Gottwaldow, na Tchecoslováquia, estavam todos orgulhosos de aparecer num filme que ia mostrar o novo espírito de trabalho no seu país.

Numa laminação de aço na Polônia, quando um acidente grave ocorreu num grande forno, os operários perderam um tempo precioso para nos ajudar, porque sabiam que o nosso filme serviria de respostas às mentiras espalhadas em torno de seus pais e que mostraria a nova vida da Polônia.

Algumas centenas de marinheiros indonésios, que, nos portos australianos, tiveram ação simples e direta, não sabiam que ao mesmo tempo escreviam uma página na história da libertação de sua pátria. Mas o filme que nós fizemos, ia ser compreendido por outros marinheiros, outros trabalhadores, de outros povos em outros continentes.

Filmes como "A Voz da Indonésia", "Borinage" e "Terras da Espanha" e tantos outros filmes militantes, feitos por documentaristas, têm sempre uma vida própria. Tomo o exemplo da "Voz da Indonésia". É a história da ação unida dos sindicalizados de cinco nações para impedir que os navios holandeses em portos australianos, transportassem armas dirigidas contra a nova República Indonésia.

Os documentários militantes sempre desempenharam um grande papel na luta dos povos. Durante a guerra, muitos do-

Apesar de algumas falhas, é o livro que comentamos uma contribuição positiva para a nova poesia brasileira, pois vem revelar as qualidades de um poeta que, embora não havendo encontrado sua forma definitiva, marcha resolutamente ao lado do seu povo cantando seus sofrimentos e vitórias e que, no próprio processo de luta que atualmente se trava, irá encontrar para sua temática a forma adequada que o capacitará a aparecer como um poeta revolucionário dos mais representativos do momento no país.

POEMAS DESIGUAIS merece um lugar destacado no movimento editorial dos nossos dias, pois vem afirmar as possibilidades reais de um poeta que, fugindo da solidão e do desespero, do sórdido e decadente da poesia burguesa, coloca-se nas primeiras fileiras dos intelectuais de vanguarda, criadores de uma literatura realista, que retrata o sadio em nossa terra no seu avanço revolucionário para novas e mais elevadas formas de convivência humana, capaz de auxiliar nosso povo oprimido e explorado em sua luta por Paz, Terra e Liberdade. — C. M.

Notas e Notícias

III CONGRESSO ESTADUAL DE ESCRITORES

Realizou-se no dia 10 de julho último, no salão do Instituto dos Arquitetos, a «mesa-redonda» de intelectuais com que a ABDE (seção de São Paulo) iniciou os preparativos para o seu III Congresso Estadual. A reunião que contou com elevado número de participantes, foi presidida pelos escritores Galeão Coutinho e Abguar Bastos, respectivamente, presidente e vice-presidente da associação.

Os debates desenvolveram-se em torno de propostas de Walter Sampaio, Abguar Bastos e Antonieta Dias de Moraes, todas aprovadas. Unanimemente, os presentes constituíram-se em Comissão Organizadora do III Congresso

e assentaram, como pontos principais do Temário a ser discutido pelos congressistas, a defesa dos interesses do escritor e a preservação da cultura nacional ameaçada pelo mercantilismo e pela penetração em larga escala de publicações estrangeiras de baixo nível cultural.

Posteriormente, na sede da ABDE, reuniu-se a Comissão Organizadora que aprovou um manifesto de convocação do III Congresso e elaborou seu Temário definitivo que será o seguinte:

I — DEFESA DA CULTURA

- a) a tradição brasileira e a contribuição cultural de S. Paulo;

- b) problemas atuais de desenvolvimento, difusão e liberdade da cultura.
- ### II — DEFESA DOS INTERESSES DO ESCRITOR
- a) direitos, deveres e responsabilidades do escritor;
 - b) medidas para o desenvolvimento da vida associativa do escritor.

A seguir a Comissão Organizadora dividiu os seus membros pelas várias sub-comissões necessárias (de finanças, de propaganda, de teses, etc.) que iniciaram imediatamente suas atividades. Foi, deste modo, editado um Boletim que deverá surgir por estes dias, organizado um programa de visitas aos núcleos do interior (a esta altura já quase inteiramente realizado e com enorme sucesso: caravanas a Santos, Campinas, Taubaté, Piracicaba, Atibaia, etc.) além de intensificados os trabalhos de secretaria e tesouraria.

PARTICIPANTES DA MESA REDONDA DE ESCRITORES — Traço de Rer ina

Afonso Schmidt

Alex Vianny

Antonieta D. M. Silva

Galeão Coutinho

G. Machado

Abguar Bastos

O IV Congresso Nacional de Escritores

cumentaristas participaram heróicamente com seu trabalho para a luta comum que hoje em dia é a luta pela paz. Eles se encontraram de braços dados com os autores de filmes realistas: os grandes mestres do cinema soviético e de outros países. E' assim que a França nos deu "Le Point du Jour" de Daquim e Pazner, baseado na vida dos mineiros franceses. Todos esses filmes têm vida própria, mil vezes mais excitantes que o mais excitante dos filmes de Hollywood.

Quando a "Voz de Indonésia" ficou pronto, o governo holandês controlava a totalidade das águas em torno do arquipélago malaio. Mas uma cópia do filme conseguiu furar o bloqueio e veio até Java. Nessa época, os holandeses repetiam aos quarenta milhões de javaneses que eles estavam sós e esquivados de todos na sua luta de independência. E eis um filme que prova o contrário a solidariedade agitadora dos trabalhadores de muitos países.

Mais tarde, um indonésio contou-me como esse filme foi mostrado em Java de noite, ao ar livre, diante de milhares de javaneses. Ele me contou como essa simples reportagem de vinte minutos reforçou o moral dos combatentes, ajudou o país num momento crucial de sua história.

Ambiente inteiramente diferente encontrei nas Democracias Populares onde acabo de passar dois anos. Uma vida inteiramente dirigida para o futuro, um futuro de bem-estar e segurança, oferece ao documentário, perspectivas inteiramente novas. Em cada um desses países, eu gozei da liberdade mais completa no trabalho. Colaborei com os artistas e técnicos de cada

De seu lado a Comissão Organizadora do IV Congresso Nacional de Escritores que deverá se realizar no dia 20 do próximo mês na cidade de Porto Alegre, logo em seguida, portanto, ao Congresso Estadual de São Paulo, já se encontra na fase final dos seus trabalhos. E' o seguinte o manifesto de

país, porque tinha que dar uma visão real desses países, mas, ao mesmo tempo, através do filme, quis ressaltar o essencial do que tem em comuns os primeiros anos da construção do socialismo.

Termino, porque, na verdade, vale mais a pena ver os filmes de um realizador, do que ouvi-lo pois é na tela que se exprime melhor.

Os cartazes que anunciavam este festival, falam do cinema como arma da verdade. Depende de nós transformar esta arma numa arma verdadeiramente eficaz.

Ivens tem razão quando fala que a obra do cineasta é mais apreciada quando a vemos na tela, mas com essa sua palestra, provou que ele é exceção, pois suas palavras são mais do que sábias e cada frase contém ensinamentos preciosos.

O último filme de Ivens foi feito durante a realização do II Congresso Mundial dos Partidários da Paz, em Varsóvia. Atualmente, prepara outro filme que será um grande conjunto dos documentários que lhe são enviados de todo o mundo sobre a luta pela paz e libertação nacional de cada país oprimido pelas forças do imperialismo.

Esperamos que o Brasil esteja presente nessa grande realização.

convocação que publicou sob a assinatura do escritor Graciliano Ramos:

«A Comissão Organizadora do IV Congresso Brasileiro de Escritores, a realizar-se em Porto Alegre, na data de 20 de setembro próximo, dirige-se a todos os membros da Associação Brasileira de Escritores, a todos os escritores brasileiros, convocando-os para participar dos trabalhos da importante reunião.

dos trabalhos da importante reunião.

«Reunir escritores de todo o país para discutir seus problemas, deveres e direitos, debater teses e apreciar os atuais acontecimentos no país e no mundo, ligados à atividade do escritor e às questões culturais, é para a nação um fato de incalculável importância, como o comprovaram os congressos anteriores. Os escritores do Brasil não se encontram separados do povo, nem procuram fugir às solicitações da hora presente, em que se exige do escritor a sua indispensável e constante participação.

«Essa participação de escritores constitui em nossa história um dos capítulos mais ricos da compreensão dos deveres da inteligência e de fé nos destinos nacionais e nas idéias progressistas. E' o que nos diz o exemplo dos intelectuais nas lutas pela Independência, pela Abolição e pela República. Hoje, mais do que nunca, os escritores brasileiros sentem o inelutável dever de participar também em todos os movimentos nacionais em defesa da democracia, do progresso e da paz, de

que depende o desenvolvimento de nossa cultura. Assim cresce e continuará a crescer a influência que sempre exerceu o escritor na vida social brasileira.

«O IV Congresso saberá reunir escritores das mais variadas tendências, com o objetivo de formar vigorosa unidade na defesa dos interesses profissionais do escritor, da solução correta e urgente das questões imediatas

da cultura brasileira, e na declaração de princípios que ajudem o nosso povo a resolver seus inadiáveis problemas e reflitam ao mesmo tempo a justa e ardente aspiração de todos os povos, que é a paz mundial. Com esse espírito, convocamos os escritores para o seu IV Congresso, em defesa da cultura, em defesa da liberdade e pelo progresso do Brasil.»

que realmente defendem a Paz, aplaudem o envio para a Europa ou Extremo Oriente de soldados brasileiros, entre os quais os jovens de Bragança, sua terra natal, ou os estudantes da universidade; condena a luta contra a carestia que tem como causa principal os preparativos do país para a guerra e sua entrega acelerada aos patrões «yankees.»

Ora, pessoas desse tipo já não expressam os interesses da cultura de um país mas apenas os interesses insofridos de classes caducas nas vésperas de serem atirada ao lixo da História. Expressa os interesses da cultura um Congresso Nacional de Mulheres que tira como resoluções a luta contra a carestia, contra as resoluções da Conferência de Washington, a proteção e educação da infância, a luta pela Paz, — numa lição candente às granfinas que, entre um costureiro e outro, discutem o aspecto mundano da Primeira Exposição Bial de Museu de Arte Moderna. Expressava os interesses da cultura e da nação uma Elisa Branco ou um major Tacito quando diz que em nenhuma circunstância lutaria sob a bandeira de um trapo imundo que é a bandeira da ONU, e não um decrépito general Góis Monteiro que, entre uma e outra rodada de «whisky» negocia a vida de nossos soldados. Agora, cada vez mais o povo brasileiro se compenetra de que precisam caminhar juntas a cultura e a paz. Pela cultura e pela paz teremos que lutar se não quisermos que o Brasil se aprofunde pelo negro caminho de trogloditas em que o querem lançar certos reitores, latifundiários e generais valedinários.

II CONVENÇÃO NACIONAL DO PETRÓLEO

São as seguintes as resoluções da patriótica II Convenção Nacional do petróleo, reunida no Rio de Janeiro, de 5 a 7 de Julho p.p.:

I — reafirmar as resoluções da I Convenção Nacional de 1948, especialmente, a de que a exploração, transporte, industrialização, comércio e distribuição do petróleo brasileiro devem constituir monopólio estatal;

II — denunciar como atentatório aos interesses nacionais o revigoramento ilegal das concessões de refinarias aos grupos particulares Drault Ernanny Peixoto de Castro (Refinaria do Distrito Federal) e Soares Sampaio-Correia e Castro (Refinaria União em Capuava, São Paulo), que já se achavam caducos de pleno direito;

III — renovar a condenação de entrega da refinaria de Mataripe, na Bahia, a interesses particulares, entrega essa prevista no Decreto-lei número 9.881, de 16-9-1946, e reafirmar que, tanto essa refinaria, como a que se acha em construção em Cubatão, no Estado de São Paulo, devem ser exploradas sob o regime de monopólio estatal;

IV — proclamar ainda uma vez a repulsa do povo brasileiro ao impatriótico anteprojecto de Estatuto do Petróleo que, apesar de vigorosamente condenado pela opinião nacional, continua no Parlamento e foi objeto de referências favoráveis por

PALAVRAS DE D. MARIA PAES DE BARROS

SOBRE O IV CONGRESSO DE ESCRITORES

Tomando como lema as palavras de Cícero: «A primeira lei da história é nunca afirmar coisa que seja falsa, a segunda é nunca esconder coisa alguma que seja verdadeira.» O escritor tem a responsabilidade de ser leal e de dizer sempre a verdade, deve ser o espelho da sociedade em que vive, o orientador, aquele que mostra os erros e aponta as soluções. O poeta é como o profeta que vê o futuro, é o guia da humanidade e de nosso pensamento.

Para que haja cultura é necessário existir paz e liberdade, da literatura e as artes não podem se desenvolver, são como plantas enxadgadas antes de florescer.

É preciso que os escritores atuais retomem em linha ascendente a tradição progressista da literatura brasileira e são meus votos que o Congresso de Escritores abra novos horizontes para o desenvolvimento da cultura no Brasil.

A PAZ,

A GUERRA E

A CULTURA

A Universidade de São Paulo, da qual é reitor o sr. Ernesto de Moraes Leme, recebeu um apelo comovente do reitor da Universidade de Hiroshima, sr. Tatsuo Morito. Neste apelo, o reitor nipônico diz que, como dirigente de um centro de cultura situado na cidade que foi designada pela Dieta Japonesa, como «Cidade Comemorativa da Eterna Paz», estava escrevendo a um grande numero de universidades para lhes pedir livros. Sim, — livros ou publicações relativas aos problemas da Paz, pois a Universidade de Hiroshima teve sua biblioteca destruída pela bomba atômica «yankee» e agora cuida seriamente da organização de um instituto de pesquisas de problemas relacionados com a paz internacional.

Deveria ter ficado cheio de dedos o nosso magnífico reitor ao receber tal carta, sem saber se fingiria não ter tomado conhecimento do assunto ou se correria ao DOPS ou ao Consulado Norte-Americano a fim de receber melhores luzes e maior ajuda. E, durante alguns minutos talvez, o magnífico reitor terá feito algumas ilações por conta própria. Guerra? — terá perguntado a si próprio. Sim, embora aumente o preço da carne, precisamos nos preparar para ela porque assim o desejam os norte-americanos. E, para atender aos nossos compromissos internacionais, temos que pôr em prática o espírito e a letra das Resoluções da Conferência de Washington que, justamente, não querem nada com essa história de luta pela paz de que fala o sr. Morito. O meu colega Tatsuo Morito pede-me livros sobre a paz, ignorando que essas publicações estão fora da lei no Brasil. Onde irei eu buscar livros sobre a paz a não ser na «Cruzada Humanitaria Pela

Proibição das Armas Atômicas»? Deverei mandar ao dr. Tatsuo o livro de Jorge Amado, «O Mundo da Paz», que o sr. Getúlio Vargas muito sabiamente mandou apreender pelas mãos de seus beaguins? E pelo cérebro do magnífico reitor terá passado fugazmente a idéia de salvar a situação, enviando ao reitor da Universidade de Hiroshima uma coleção de «Gibis», «O Herói», «Superman» em que se desenvolve a psicologia guerreira destinada a envenenar a juventude. Livros de Sartre, Faulkner, Truman Capote e Orwell poderiam igualmente ir enriquecer a biblioteca nascente da cidade martir... porque são justamente a única literatura recomendada pelos «donos» da cultura ocidental. A revista «Seleções» também, embora talvez já exista uma «Seleções» escrita em «kangis» e «hangis» e «higanas»...

Não é preciso ter-se o dom de penetrar nos pensamentos das pessoas para se convencer de que o magnífico reitor terá sofrido indecisões e confusões mais ou menos parecidas em face de um pedido de outro reitor que conheceu a guerra bem de perto. Que significa pois a possibilidade — apenas a possibilidade — de um acontecimento semelhante? Significa que, sob as condições do imperialismo desesperado dos norte-americanos e seus sócios menores, a Paz e a Cultura não podem separar-se. Significa serem quasi sinônimas as expressões obscurantismo, a opressão, a miséria, a fome e a guerra. Justamente porque o sr. Ernesto de Moraes Leme acredita nas forças da guerra e já se tornou uma das peças da aplicação das Resoluções de Washington no Brasil, é que manda fechar escolas pouco depois de ser homenageado pela União Cultural Brasil-Estados Unidos. Justamente porisso é que o magnífico reitor proíbe a livre manifestação do pensamento, sonega ao reitor de Hiroshima os livros

fundamentos

parte do sr. João Neves da Fontoura em Washington;

V — denunciar à Nação o plano da Soncy Vacuum Oil, Company — Empresa do grupo Rockefeller encabeçado pela Standard Oil, de uma de cujas subsidiárias — a Cia. Ultragás — é presidente reeleito o sr. João Neves da Fontoura — para apoderar-se de uma grande refinaria, a ser instalada em Niterói, com a cumplicidade dos testas-de-ferro brasileiros Cia. Paulista de Investimentos e Max Leitão, este ligado comercialmente ao governador do Estado do Rio, sr. Amaral Peixoto e a vários membros da delegação do governo brasileiro à Conferência de Chanceleres;

VI — recomendar ao Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional que promova ação judicial, fundamentada no art. 141, § 38, da Constituição da República, com o fim de: a) anular as concessões ilegais a grupos particulares para instalação de refinarias e, b) revogar-se o Decreto-lei n.º 9.881, de 16-9-1946, que permite a passagem da refinaria de Mataripe para as mãos de particulares;

VII — ratificar e revigorar a posição do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional no resguardo mais intransigente das liberdades democráticas, sem o pleno exercício das quais se torna impossível a necessária discussão dos grandes e graves problemas nacionais. Apontar como dever imediato a luta pela libertação de Aldo Ripassarti e Henrique Moura, companheiros de campanha em Santos, iniquamente condenados a penas de prisão por haverem convocado um comício em defesa do petróleo; VIII — denunciar ao país a tentativa inconstitucional de fechamento do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional e as violências desencadeadas pela polícia na sessão de

instalação deste conclave patriótico, na sede da União Nacional dos Estudantes como parte integrante do plano de dominação dos trustes estrangeiros, intensificado com a realização da Conferência dos Chanceleres, em Washington;

IX — protestar perante o presidente da República, o presidente da Câmara e o presidente do Senado, contra a tentativa do governo, de fechar o CEDPEN;

X — dirigir-se ao ministro das Relações Exteriores opondo reparos patrióticos à sua atuação entreguista, especialmente na Conferência dos Chanceleres;

XI — congratular-se com os parlamentares que apoiam a campanha em defesa da libertação econômica e, portanto, política, do Brasil, especialmente com aqueles que tomaram posição democrática contra o assalto policial ocorrido na sessão de instalação;

XII — congratular-se com as Assembléias legislativas e Câmaras Municipais que apoiam a cruzada cívica do CEDPEN;

XIII — congratular-se com jornais e estações de rádio que tenham contribuído para o grande movimento patriótico;

XIV — manifestar seus aplausos e solidariedade à Diretoria do Clube Militar pela patriótica posição daquela instituição em defesa da libertação econômica do Brasil e da liberdade de pensamento;

XV — congratular-se com a Diretoria da Revista do Clube Militar por seus serviços ao povo brasileiro na defesa do petróleo, dos minerais radioativos e demais recursos naturais de nossa terra contra a cobiça dos trustes estrangeiros;

XVI — manifestar reprovação ao comunicado oficial do governo, aceitando compromissos de envio de forças armadas para fora do território nacional, compromissos que, além de contrariarem a opinião pública, importariam em novos gastos extraor-

dinários, depauperando ainda mais nossa economia e agravando os entraves à exploração de nossas riquezas minerais — entre as quais ressalta o petróleo — em benefício do povo;

XVII — externar seu regozijo pelo auspicioso fato das negociações para o armistício na Coreia;

XVIII — apresentar ao Congresso Nacional, por intermédio de parlamentares que apoiam a campanha do CEDPEN, um projeto de anistia visando a libertação dos patriotas Aldo Ripassarti e Henrique Moura e promover um movimento de solidariedade e auxílio econômico às famílias desses companheiros de luta;

XIX — recomendar ao CEDPEN a publicação de um "Livro Branco" sobre a campanha em defesa da economia nacional e de uma "Cartilha Popular" para mais ampla vulgarização dos problemas econômicos de nosso país;

XX — dirigir-se ao Congresso Nacional reclamando a aprovação do projeto entregue pelo CEDPEN estabelecendo o monopólio estatal do petróleo, elaborado pela I Convenção Nacional em 1948;

XXI — conceder um voto de louvor à Diretoria do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional pela maneira sábia e patriótica por que tem conduzido a campanha e ao jornal "Emancipação" pelos inestimáveis serviços prestados na obra de esclarecimento do povo brasileiro quanto aos problemas econômicos nacionais;

XXII — chamar a atenção de todos os patriotas para a luta heroica do povo iraniano contra o imperialismo que, por 50 anos, se locupletou do petróleo persa, mantendo as camadas populares daquele país sob a maior miséria e opressão;

XXIII — manifestar solidariedade ao Irã, cuja luta constitui ao mesmo tempo uma séria advertência e um exemplo para o povo brasileiro;

XXIV — dirigir-se ao titular do Foreign Office da Inglaterra, sr. Herbert Morrison, protestando contra a revelada intenção de exploração colonial do petróleo do Brasil por capitais ingleses, que assim se ressarciriam das perdas sofridas no Irã;

XXV — aplaudir a posição patriótica e firme atuação dos presidentes de honra e dirigentes do CEDPEN, generais Felicíssimo Cardoso, Arthur Carnauba e Leônidas Cardoso bem como do coronel Hildebrando Pelágio Rodrigues Pereira, que, demonstrando coragem cívica e atitude moral à altura das responsabilidades para com o povo, prestigiam a campanha do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional, tornando-se credores da admiração dos brasileiros amantes do Progresso e da Liberdade;

XXVI — recomendar ao CEDPEN que convoque, no mais breve prazo possível, a III Convenção Nacional;

XXVII — em face de todas as ameaças, reveladoras do vulto da ofensiva dos interesses imperialistas sobre o nosso petróleo conclamar todos os brasileiros sem distinções, filosóficas, religiosas ou político-partidárias, para que se organizem sem perda de um instante em defesa da emancipação econômica e política de nossa Pátria".

O QUE É O PREMIO STALIN

«Les lettres françaises» publicou recentemente um pequeno artigo no qual Francis Cohen procura nos dar uma idéia do que significam na União Soviética os prêmios Stálin. O interesse que o assunto desperta, bem como a objetividade e clareza do artigo, levam-nos a transcrever alguns trechos:

«Os prêmios Stálin foram criados em 20 de dezembro de 1939, por ocasião do 60.º aniversário de José Stálin. Eles recompensam os trabalhos mais notáveis do ano no domínio da literatura, das ciências e das invenções... A recompensa é de elevada significação moral e também materialmente importante: os prêmios, de primeira, segunda e terceira classe, vão de 200 a 250 mil rublos.

«O Conselho de Ministros da URSS os distribui por proposta de duas comissões, uma para as letras e as artes, outra para as ciências e as invenções. Estas comissões, compostas pelos representantes mais eminentes dos intelectuais soviéticos, recebem as candidaturas apresentadas pelas organizações culturais e coletividades diversas.

«O número de prêmios não é limitado: varia segundo o mérito do trabalho realizado. É interessante notar o número crescente, de ano para ano, de recompensas distribuídas: cerca de 200, este ano, para as letras e as artes 600 para as ciências e invenções. A menor significação deste fato não é, sem dú-

vida, a abundância dos créditos reservados pelo Estado aos prêmios. Mas ele indica, sobretudo, o crescimento, tanto em número quanto em qualidade, da nova «intelligentsia» soviética: fazem obra criadora de primeiro plano, literatos, artistas, sábios, técnicos, jovens e velhos, mulheres e homens mas também os engenheiros, os agrônomos, os trabalhadores de elite, os camponeses mitchurinianos, todos aqueles para os quais o trabalho tornou-se objeto de meditação, a quem o regime fornece os meios de aperfeiçoamento intelectual e técnico, sem que, já em muitos casos, se possa distinguir entre o camponês que conduz máquinas elétricas complexas, o operário que aperfeiçoa seu torno automático, o professor de química que vem ao forno Martin experimentar sua última descoberta. Percebe-se aí, em pleno desenvolvimento, a desapareição das diferenças entre o trabalho manual e o intelectual, entre a cidade e o campo.

«Um outro traço característico é o número de prêmios que vão a cidadãos das diversas nacionalidades soviéticas, número que indica o surto cultural rápido de nações outrora privadas pela opressão czarista de sua individualidade e, por vezes mesmo, de sua língua.»

Francis Cohen conclui o seu breve artigo citando os nomes dos laureados que são conhecidos na França.

O XIV CONGRESSO DA UNE

Realizou-se no Rio, nos primeiros dias do mês em curso, o XIV Congresso Nacional de Estudantes. Este Congresso, o sétimo organizado pela UNE depois do fim da guerra, desenvolveu-se diferentemente dos que o precederam. Uma questão que passara em branco nos anos anteriores, a questão das relações da UNE com a União Internacional dos Estudantes, foi o centro das discussões. E a presença de dois delegados americanos e do secretário-geral da própria UIE, o estudante italiano Giovanni Berlinguér, veio salientar ainda mais este fato que, de resto, não surpreendeu os mais atentos.

A UIE existe para organizar a compreensão e a amizade entre os estudantes de todo o mundo, para uni-los na luta por um ensino democrático e melhores condições de vida, num clima de paz e liberdade. Assim, a luta pela UIE e contra ela, não poderia deixar de ser hoje o problema central da política estudantil. Com os seus cinco milhões de aderentes de 71 países, a UIE é uma pedra no caminho dos fautores de guerra. Para atingir os seus objetivos eles precisam de dividir a UIE, de criar uma organização de estudantes "ocidental e cristã" que sirva à sua política de ódio e de discriminação e favoreça o clima de guerra que lhes convém.

Desde o primeiro momento, entretanto, o XIV Congresso mostrou-se pouco inclinado a romper com a política tradicional da UNE. Vários dos oradores que falaram na sessão de abertura, condenaram corajosamente as provocações anticomunistas e os ataques à UIE (de que se tinha feito portador o representante do Distrito Federal) e deram o seu apoio às idéias generosas de entendimento e compreensão entre os estudantes de todo mundo. Apesar da violenta campanha desencadeada pela imprensa unânime, apontando a UIE como organização partidária e "manobrada

por Moscou", a posição dos congressistas manteve-se inalterada. E o sr. Carlos Lacerda que, a despeito da pobreza dos seus argumentos, aventurou-se a comparecer ao Congresso para defender teses semelhantes, viu-se obrigado a retirar-se debaixo de vaia antes mesmo que terminassem os debates que havia provocado.

Infelizmente, em sessão posterior às eleições a que não compareceu sequer um terço dos congressistas, foi aprovada uma proposta na qual, embora se assegurasse a conservação dos laços existentes entre a UNE e a UIE, o Congresso subscreve algumas das acusações infundadas feitas pela imprensa à União Internacional. E, já cerca das cinco da manhã, quando não restavam mais que

17 pessoas na sala, passou, com a conivência da mesa, uma moção favorável à criação de uma União Panamericana de Estudantes de inspiração nitidamente ianque.

Da qualquer forma, entretanto, e apesar do resultado das eleições desfavoráveis ao grupo mais avançado e independente — o XIV Congresso deve ser considerado como uma afirmação de vitalidade do sentimento democrático dos estudantes brasileiros, uma grande vitória obtida em condições difíceis, num momento em que corria sério perigo a unidade estudantil internacional.

Esta vitória abre aos jovens brasileiros, à UIE e à própria direção atual da UNE presidida pelo universitário Olavo Jardim, amplas perspectivas de trabalho em favor de um melhor entendimento entre os estudantes de todos os países.

Correspondência

«Fundamentos» reinicia hoje uma seção de correspondência em que daremos notícia das cartas que nos chegam à redação e procuraremos, na medida do possível, respondê-las.

Do escritor Roldão Mendes Rosa, de Santos, recebemos uma crítica ao artigo «Heróis e Vilões na Literatura de Vanguarda», de Ibiapaba Martins, publicado em nosso número 19. Diz ele, inicialmente: «A criação literária emerge do silêncio para envolver a atenção daqueles críticos, escritores e leitores que se recusam a aceitar toda a arte que não tenha íntima correspondência com as necessidades do homem. Já agora, não só o trabalho essencialmente político é analisado e discutido; também a literatura encontra a seu favor uma crítica ampla e humana, que atenta não só para o valor formal que possa ter a obra mas também — e necessariamente — para a natureza ideológica do conteúdo.»

R. M. Rosa prossegue estudando o trabalho de Ibiapaba Martins (uma resposta às críticas que sofreu o seu livro «Falam os muros da cidade») e aponta o que, a seu ver, são erros de apreciação. Assim, retoma as bem co-

nhecidas palavras de Zhdanov segundo as quais «apontando os melhores sentimentos e qualidades do homem soviético, revelando-lhe o futuro, devemos ao mesmo tempo mostrar aqui que ele não deve ser...» para afirmar que «se Ibiapaba Martins tivesse dado o primeiro lugar ao elemento novo (Oswaldo Adelaide, p. ex.) e relegado a plano secundário o velho (o desfibrado Pirangi) teria aplicado inteiramente a lição de Zhdanov, pois estaria exaltando os melhores sentimentos do homem brasileiro e, ao mesmo tempo, mostrando o que não devemos ser.»

O escritor santista termina criticando os próprios termos em que Ibiapaba Martins coloca a discussão — herói e vilão — que poderiam «confundir o leitor desprevenido.»

«Fundamentos» acredita que esta carta de R. M. Rosa vem contribuir, de um certo modo, para esclarecer melhor os problemas de crítica levantados em torno de «Falam os muros da cidade», problemas que, de resto, já haviam sido corretamente apreciados no excelente trabalho de Moacir Werneck de Castro, publicado em «Para Todos.»

